



Política



Futebol



Cidade Eclética



Televisão



Música

Este número do CAMPUS, jornal-laboratório do Departamento de Comunicação, é o resultado da primeira etapa de trabalhos práticos dos alunos de Técnicas de Jornal e Periódico 1 (TJP-1) e de Paginação e Revisão (PR), matriculados no segundo semestre letivo. Também colaboraram, no levantamento de assuntos e na redação de reportagens, os alunos regularmente matriculados em Edição Jornalística (EJ).

Os assuntos aqui expostos representam sobretudo a idéia dominante entre os alunos, futuros profissionais, de ingressar no jornalismo interpretativo, gênero que a Imprensa brasileira também procura seguir. Com isso, não se perde a atualidade jornalística, notadamente levando em conta a periodicidade de um veículo com características de laboratório.



Documentário



Teatro

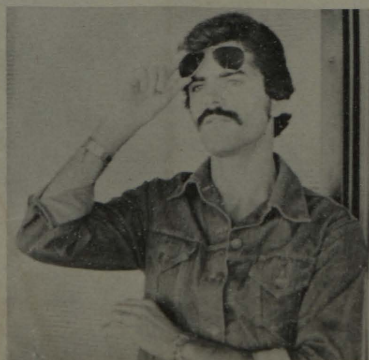
CAMPUS

UnB — Departamento de Comunicação

Nº 19 — Novembro de 1976



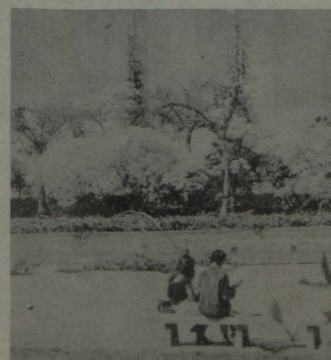
Ecologia



Fotografia



Editora



UnB



Rodoviária

UnB

Por que mais Institutos?

INSTITUTO DE EXPRESSÃO E COMUNICAÇÃO

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO

DEPARTAMENTO DE LETRAS E LINGÜÍSTICA

CHEFIA E SECRETARIA

LRL-100

DEP. DE ARTE

MUSICA

Dois novos Institutos foram criados na UnB: Expressão e Comunicação, e Arquitetura e Urbanismo. A decisão foi tomada em reunião realizada ano passado, no Rio, pelo Conselho da Fundação Universidade de Brasília, com o intuito de adaptar o Estatuto à nova legislação de ensino.

A criação de um Instituto de Expressão e Comunicação veio da necessidade de se reunir num órgão de coordenação departamentais que tenham atividades afins.

"Para o Departamento de Comunicação esta modificação é benéfica, diz o Professor Lytton Guimarães, uma vez que são maiores as afinidades acadêmicas com os departamentos de Letras, Música e Desenho. O Departamento de Letras poderá contribuir na redação jornalística, o pessoal de Desenho, na diagramação do jornal e na área de publicidade. Quanto à música, ela se relaciona com a opção de TV, Rádio e Audiovisual, onde a música popular brasileira é usada com frequência na programação."

Alguns professores acham boa a reunião dos departamentos num mesmo Instituto, mas esperam que essa união não seja só administrativa.

Na opinião do Vice-Reitor, professor Marco Antônio Rodrigues Dias, "a fusão dos departamentos num instituto irá facilitar uma maior integração dos mesmos, dada a possibilidade de questionamentos tais como: Porque a diagramação não pode ser feita pelo

Departamento de Arte, sabendo-se que nesse departamento deverá haver especialista em Artes Plásticas?" Ou ainda, "porque que o estudo de Elementos de Linguística, que são do interesse de alunos de Pós-graduação, não deverá ser ministrado pelos professores de Linguística?"

Interrogado sobre o desentendimento que está havendo com a Arquitetura em relação à saída do Desenho, que deverá fazer parte do Departamento de Arte que compõe o Instituto de Expressão e Comunicação, diz que, "apesar da proposta de mudança não estar sendo aceita pelos professores e alunos, a decisão desta questão virá por parte do MEC".

Com relação ao Departamento de Arte, Marco Antônio informou que "está em estudos o projeto de implantação de Licenciatura em Educação Artística, composto de Música, Teatro e Artes Visuais. Este projeto está sendo elaborado pela professora Terezinha Rosa Cruz, do Departamento de Desenho."

Finalizando, acrescentou que "a coordenação dos departamentos será feita pelo Conselho Departamental formado pelo Diretor do Instituto, pelo Chefe de cada departamento e um professor escolhido por estes, e ainda, um aluno eleito por três departamentos, e, que o sucesso do novo Instituto dependerá unicamente da colaboração de professores e alunos."

NOSSA EDITORA

A história de uma Editora não se resume em citação de datas, número de livros editados, nomes de componentes do Conselho Editorial, mas sim, de uma análise séria e profunda das condições atuais do livro no Brasil, uma vez que a editora não subsiste sem o livro.

É um assunto para ser pesquisado e analisado detalhadamente, levando-se em conta fatores como: má qualidade das obras, a invasão de produto estrangeiro, o não pagamento de direitos autorais, contribuindo para a extinção dos escritores, ou pelo menos, para sua diminuição, o desinteresse das editoras pelas obras nacionais, preferindo traduzir e reeditar um "best-seller", que seguramente lhe trará um rápido retorno de capital, a falta do hábito de leitura...

Para sentirmos mais de perto o problema e compreendê-lo melhor, batemos um papo com Hargreaves, diretor da Editora da Universidade, que devido à prática, no contato diário com esses personagens que antecedem a publicação de um livro: editores e escritores, sabe bem das dificuldades que enfrentam hoje.

Inicialmente Hargreaves nos contou a história da Editora, que foi criada junto com a Universidade de Brasília, em 1961, como Órgão Suplementar desta, com a finalidade básica de ampliar a bibliografia nacional, para atender não somente aos alunos, mas toda uma população carente de textos, estatísticas, pesquisas, fatos que retratassem a realidade nacional. Tem ainda como objetivos primeiros, estimular a produção de originais por autores nacionais; patrocinar projetos de elaboração de textos universitários em áreas com restrita bibliografia no País; divulgar a produção intelectual dos membros do corpo docente da Universidade; publicar textos básicos para ensino superior; traduzir, editar ou reeditar obras de reconhecido valor.

Cabe ao Conselho Editorial, composto pelo Presidente, Diretor e oito membros, quase sempre professores, escolhidos pelo Reitor, zelar e trabalhar para o cumprimento destes objetivos.

É aqui, onde a editora, realmente, concentra seu trabalho: na seleção de obras a serem editadas, que é um processo complexo e minucioso. De sua decisão depende o que o público irá consumir. Na seleção, além da qualidade da obra, tratamento do tema, faz-se também o que chamam de informe complementar, que é uma estimativa da quantidade de livros sobre o assunto

existente no mercado, disponíveis para leitura.

Os critérios de seleção são vários, divergindo certamente, de editora para editora.

No caso da EDU (Editora da Universidade), o conselho editorial determina, em linhas gerais, a quais temas deverão se deter, tendo sido feita anteriormente, uma pesquisa para se saber as áreas mais carentes de bibliografia, para melhor atender ao aluno e ao público em geral.

Quando da indicação de determinada obra para ser editada, estuda-se seu conteúdo. Caso atenda ao programa proposto pela editora, o projeto a ser editado é encaminhado à pessoa de gabarito no assunto, que após minucioso estudo, remete seu parecer à Editora, que decide editá-lo ou não.

A existência de uma editora não implica necessariamente na existência de uma gráfica. A EDU, por exemplo, não possui seu parque gráfico, fazendo realizar licitação, para os trabalhos de composição, de impressão e acabamento, escolhendo aquela que melhor atenda às suas exigências. Durante a execução dos serviços gráficos, a editora os acompanha e fiscaliza, providenciando depois de impresso, sua distribuição no Campus, em Brasília e demais Estados.

Houve época, uns cinco anos atrás, em que a EDU sofreu uma queda visível em suas atividades. Atualmente, após reestruturação em suas metas de trabalho, vem se ocupando de uma tentativa realizada dentro da Universidade, o Pré-Livro. Consiste numa experiência iniciada pelos professores do Departamento de Biologia, frente a necessidade de textos básicos que melhor suprissem os objetivos do curso. São textos elaborados pelos próprios professores, que têm direitos autorais reservados. O Pré-livro é impresso em offset, em tamanho e formato de um livro, e com apuro de redação, seleção de assuntos, ilustração, correção, o qual poderíamos chamar de "rascunho" do livro. Já foram impressos 10 fascículos, que são vendidos aos alunos, até que se tenha o livro editado. Outros departamentos têm se interessado pela experiência, como a Antropologia, a Matemática.

Em termos gerais de livro no Brasil, a sua situação não é muito favorável: a TV veio dificultar, ou agravar ainda mais a falta do hábito de leitura, indispõdo o público para a aquisição de livros, apesar da tentativa de edições mais baratas, da desmistificação do livro, vendendo-o em bancas de revista, farmácias, etc.

Brasília:

Um Povo

Sem Voz

Brasília nasceu da vontade de um povo representada pela figura carismática de um político que acabou por transformá-la em realidade. Hoje ela é quase um milhão de habitantes sem voz, sem vontade, sem representação política.

Construída a toque de caixa, num ritmo empresarial jamais visto, julgada por muitos futurística como proposta urbanística e arquitetônica, Brasília foi resguardada pelos seus idealizadores das possíveis interferências que pudessem comprometer o seu plano global. Ficou famosa a reclamação geral quanto a falta de esquinas na cidade. Foi exatamente aí, quando a cidade ainda era um canteiro de obras, que se criou o Conselho de Arquitetura e Urbanismo, órgão técnico que até hoje atua junto ao Governador e que tem poder para decidir as modificações em relação ao Plano. Este Conselho é permanente e inicialmente foi formado por Israel Pinheiro (já falecido),

Oscar Niemeyer e Lucio Costa. Apesar de contar com a presença destes elementos técnicos independentes do Governo, o Conselho não tem e nem teve função representativa.

Atualmente, o Sindicato da Construção Civil e a Associação Comercial são as duas únicas entidades de classe que conseguem exercer alguma pressão sobre o governo na defesa de seus interesses. Mas quem defende a maioria da população?

São inúmeros os motivos que tentam explicar a ausência desta representação política hoje, quando a antiga Capital da República tinha Câmara de Vereadores e Prefeito eleito diretamente. É verdade que a partir do Ato Institucional nº 2, quando os governadores passam a ser eleitos indiretamente e os prefeitos das Capitais escolhidos pelos Governadores, há uma restrição generalizada à participação política popular. Isto representa para Brasília a legitimação de uma situação histórica através de uma

emenda constitucional que determina a escolha do Governador pela própria Presidência da República e extingue o poder Legislativo. Portanto, em Brasília o poder só tem dois pes. O Executivo, representado pelo Governador, que cuida da administração e o Judiciário, representado pelo Tribunal de Justiça, que trata dos problemas constitucionais de um ponto de vista puramente legal. O Judiciário não tem poder para impedir a construção de duas pontes sobre o Lago, por exemplo, porque isto não é ilegal. Mas quem julga a prioridade desta medida? Nestes casos é que entra o Legislativo como mediador entre ação administrativa e os interesses da população.

De algum tempo para cá, políticos e entidades profissionais têm manifestado suas preocupações em relação a esta questão da representação. Na Câmara, o deputado Siqueira Campos (ARENA — GO) colocou em discussão um projeto de lei que propõe uma representação popular

do DF na Câmara de Deputados. O senador Cattete Pinheiro (ARENA — PA) provocou um polêmica no Senado com o seu projeto de lei que "define os crimes de responsabilidade do Governador e dos Secretários do Governo do Distrito Federal". O Instituto dos Arquitetos do Brasil — Departamento de Brasília, entidade que co rega os arquitetos do DF, divulgou um documento de análise dos problemas urbanos do DF, questionando a determinação das prioridades das soluções dos problemas urbanos declarando que é chegada a hora da população ter uma participação ativa no que diz respeito a política urbana. Outras entidades profissionais e a imprensa local se manifestaram em apoio ao documento do IAB-DF.

Todos estas manifestações são reflexos do que aos poucos vai se tornando uma situação insustentável de uma cidade sem cidadania, sem voz, sem representação política.

CAMPUS

Jornal - Laboratório do Departamento de Comunicação da UnB. Nº 19 — Nov. 1976

Reportagens

Alunos de Edição Jornalística, Técnica de Jornal e Periódico I e Paginação e Revisão.

Diagramação

Eliana Araújo, Rogério Maldonado, Marisa Fontoura, Izabel Cristina, Maria Regina Tavares, Ana Lucia Machado Mendes, Warene das Graças Santana e Maria Célia B. de Menezes.

Fotografias

Mário Eugênio



FILMADORA

YASHICA

Vende-se uma Filmadora Yashica Super 40 (Super 8) com controle remoto e lâmpada para filmar à noite e um Projetor Kodak - Instamatic M. 85 (8 e Super 8). Ambos em perfeito estado de conservação. Tratar com Professora Suely no Departamento de Urbanismo, Sala de Chefia às segundas e sextas, à tarde. Preço: Cr\$ 5.000,00 (pagamento à vista)



Documentários: Até quando na periferia?



A personagem do mais novo documentário de P. Jorge

PLANO GERAL

É difícil analisar o momento cinematográfico brasileiro. Vive-se sempre à espera de que algo de novo aconteça. E realmente tem acontecido. Gente como Vladimir, Pedro Jorge, Geraldo Moraes, Geraldo Sobral, Forthmann (todos professores da UnB), Fernando Duarte (atualmente no Rio), Alberto Cavalcanti e Leonel Lucine, entre outros, têm dado, apesar dos tombos, uma contribuição ao panorama cultural da cidade. É um trabalho difícil, realizado com um esforço enorme.

Em Brasília, quem se interessa normalmente por esse tipo de filme é a Escola Parque. Semestre passado, por exemplo, ela promoveu a Mostra de Filmes dos Documentaristas de Brasília, onde foram exibidos curta-metragens de seis dos mais importantes documentaristas atuantes, do momento. Fora da Escola Parque é muito difícil exibir os filmes. Mesmo na UnB isso se torna difícil, pois os filmes são de 35mm e a UnB ainda não dispõe de equipamento necessário para projeção.

Por outro lado, não há o mínimo interesse por parte dos exibidores pelos documentários. Eles acham que não dá "IBOPE" e, normalmente, preferem colocar nas telas coisas como coquetéis, moda, inaugurações, feira, novidades, futebol, etc. Nesse sentido, foi aprovada uma Lei que obriga os exibidores a conservar a média de um curta-metragem para cada longa-metragem estrangeiro exibido. No entanto, a Lei ainda não entrou em vigor e não se sabe quando entrará. Do que se tem perfeito conhecimento é que, até agora, todas as leis de proteção ao documentário, baixadas pela EMBRAFILME e CONCINE, através do Ministério da Educação, foram burladas pelos exibidores.

Dessa maneira, pode-se apontar qualquer razão pela qual os documentaristas de Brasília insistem no trabalho, com exceção da possibilidade de lucro. Esta realmente não existe, a ponto deles terem que se unir num movimento pela não exibição grátis dos seus filmes, cobrando Cr\$ 250,00 por projeção, sendo que um documentário custa, em média, Cr\$ 100.000,00. Um dos documentaristas coloca bem o problema: "É uma questão de princípio, de lutar por um mercado a que temos direito, mas é burlado."

Por outro lado, acervos como o MAM (Rio), Universidades e Secretarias de Educação, que são compradores em potencial, isto é, poderiam e deveriam comprar, não o fazem. Assim, o documentarista, consciente de que seu trabalho é do interesse da sociedade, continua remando, embora contra a maré. E este trabalho rendeu, nos dezesseis anos de Brasília, uma boa produção cinematográfica.

Agora mesmo está sendo feito um documentário importante, por um professor da UnB, que conta alguma coisa sobre o filme e os problemas que enfrentou.

PRIMEIRO PLANO

Pedro Jorge de Castro, cearense e documentarista do grupo de Brasília. Responsável por um importante documentário realizado no Nordeste, "Chico da Silva", Pedro Jorge trabalha atualmente num filme que considera de extrema importância, cujo tema prefere manter em segredo por uma questão de superstitição: "Se a gente mostra o pássaro, ele voa".

Sabe-se, no entanto, que o filme trata de uma passagem histórica. Tudo começou em 1969, com um historiador português, Manuel de Paiva. O material ficou esquecido por algum tempo e foi reativado em fins de 1975. Terminada a pesquisa geográfica, de locação junto a sociólogos, economistas, historiadores, antropólogos e arquitetos, começou a fase de pesquisa de tipos humanos.

Em dezembro do ano passado, com esse material nas mãos, juntamente com um fotógrafo, um gravador e um ajudante, partiu para a busca de um lugar que respondesse às intenções da proposta do filme, baseada na pesquisa. Foram escolhidas duas fazendas do interior de Minas Gerais, sendo uma nos arredores de Unai e outra a 40 km do município.

Somente em julho deste ano, Pedro Jorge reuniu uma equipe de três pessoas e foi para o local de filmagens. Em quinze dias o trabalho de filmagem estava pronto. As próximas etapas, ainda não realizadas, por falta de tempo, montagem e gravação da trilha sonora, que serão feitas no Rio e São Paulo. O filme estará pronto em janeiro de 77.

O problema principal no período de filmagem foi conseguir do homem do campo um ritmo de trabalho acelerado ao qual ele não está acostumado; seu tempo como o seu raciocínio é lento. Isso causou um grande desgaste emocional na equipe, que ficava sobre constante tensão. Fora disso, as dificuldades foram as de sempre: falta de recursos no lugar, como luz, dinheiro, equipamento escasso e parco material de filmagem.

A EXPECTATIVA

Pedro Jorge acha que o próximo passo é a descoberta desse tipo de trabalho pela televisão. O "O Globo Repórter" é um ensaio disso, mas é também a prova de que a TV ainda está presa a preocupações paralelas, como a sua função comercial. Isto a impede de fazer o documentário que realmente acrescente ao público, não só informação, como também a análise.

No Ar um Projeto: A Rádio UnB

O processo de instalação da Rádio UnB encontra-se em fase de trâmites burocráticos no Ministério das Comunicações que deverá dar a concessão do canal em data ainda não especificada.

A tarefa da instalação da rádio está a cargo de uma comissão formada recentemente e que é integrada pelos professores Sérgio Barroso de Assis Fonseca — Engenharia Elétrica, Clímério Sousa Ferreira — Comunicação, José Carlos de Vasconcelos Pires — Engenharia Elétrica e Elício Bezerra Pontes — Educação.

Segundo Sérgio, Coordenador do Projeto Rádio UnB, entre os objetivos principais da Rádio está o de promover a integração entre os departamentos da Universidade que normalmente funcionam como unidades distintas sem maior relacionamento entre si. "Um exemplo disto", salientou o coordenador "nós temos o Departamento de Biologia que está realizando pesquisas importantíssimas e de âmbito internacional e quase ninguém sabe algo a respeito".

Assim, a Rádio UnB teria como parte de sua programação, além de um noticiário geral, um noticiário interno a ser veiculado nos horários vagos dos alunos e que deverá informar a comunidade universitária de assuntos de seu interesse: utilização da Biblioteca, orientação da DAA quanto a prazo de trancamentos, cancelamentos, divulgação de pesquisas, conferências, etc. Além disto, é intenção da Comissão utilizar na sua programação músicos do Departamento de

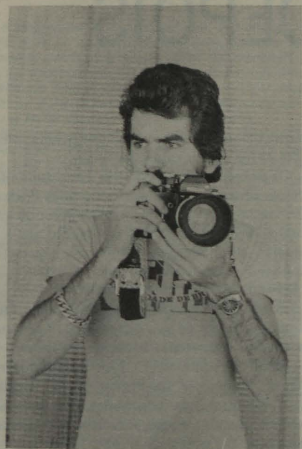
Música que dariam concertos uma vez por semana e ainda o pessoal de teatro para radioteatro ou outras atividades. Esclareceu o coordenador que a programação terá fins essencialmente educativos, sendo esta a exigência principal do Ministério das Comunicações para a concessão do Canal. A Rádio deverá operar em FM stereo e pretende atingir Brasília e adjacências. Adiantou Sérgio que o estúdio deverá ser instalado perto do Departamento de Comunicação já que se pretende utilizar nos trabalhos de programação os alunos de graduação deste Departamento. Além disto, salientou o professor, será uma ótima oportunidade de estágio para os alunos de Comunicação e para os de Engenharia Elétrica que cuidariam da manutenção dos equipamentos. Entretanto, só depois de obtida a autorização do Ministério para operar é que se deverá proceder à fase de elaboração do projeto técnico completo, também passível de aprovação pelo Ministério das Comunicações. Esclareceu o professor Sérgio que nesta fase do projeto são estabelecidos os tipos de equipamentos necessários, marcas, potências dos transmissores, local de instalação, orçamentos, etc. Depois da aprovação do projeto, passa-se à fase de implantação propriamente dita, quando são abertos os editais de concorrência para compra de equipamentos, etc.

Portanto, serão necessários ainda 2 anos até que a Rádio UnB possa ser um fato. Talvez mais, talvez menos, opinou Sérgio Barroso.



Pedro Jorge filmando numa fazenda próxima a Unai

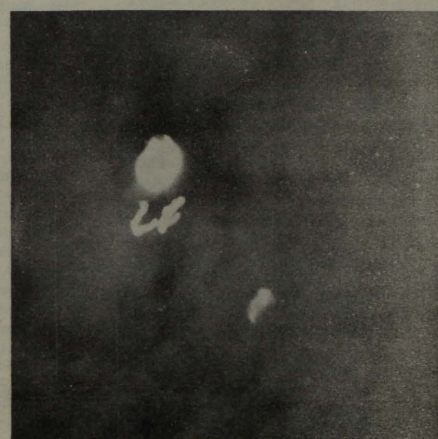
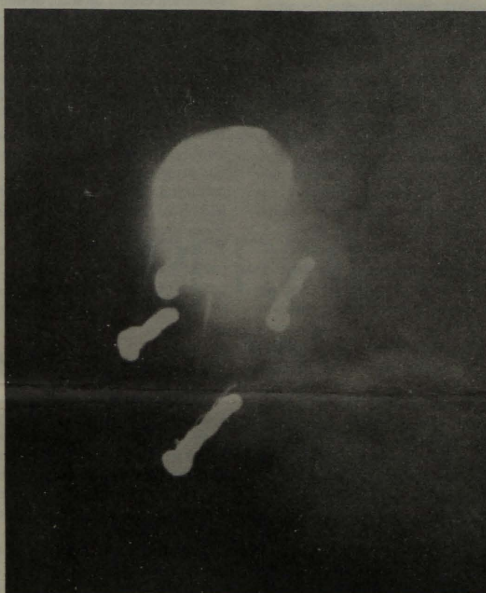
FLAGRANTE



Marão na Mira do Balão

"Quando a 'Escuderia Dusbrabões', da Asa Norte, me anunciou que três balões gigantes seriam soltos em uma área de Brasília, pensei comigo mesmo: Será a oportunidade para eu fazer um trabalho diferente. Entretanto, os balões não subiram como estava previsto. Aliás, subiram, mas desintegraram-se devido a falhas técnicas. Mesmo assim 'fraguei' o que subiu e o que desceu. E as fotos são estas. Foi um dos maiores espetáculos que já fotografei. A emoção que se sente fotografando um objeto dessa natureza, incendiando-se, desintegrando-se, não tem limite."

Fotos: Mário Eugênio



CONSTITUIÇÃO DE 46, 30 ANOS DEPOIS

DO PLANO COHEN À CONSTITUIÇÃO DE 46

Regina Tavares

A Constituição de 1946 comemorou 30 anos em setembro passado. Nos dias atuais, em que se defende a eleição de uma Assembleia Constituinte para pôr fim aos impasses políticos que vive a Nação, é importante recordar o nascimento e a história da Assembleia Constituinte que elaborou a Carta de 1946.

Tal como aconteceu no caso do Estado Novo, a convocação de uma Assembleia Constituinte começa a tomar corpo na cena política brasileira, arrebando as melhores vozes da Oposição, como o Senador Paulo Brossard (RS) e os Deputados Alencar Furtado (PR) e Jarbas Vasconcelos (PE). O primeiro parlamentar a proclamar a necessidade da eleição de uma Assembleia com poderes constituintes foi o Senador Orestes Quêrcia, exprimindo o pensamento de correntes oposicionistas de São Paulo. Dinarte Mariz (ARENA — RN) também propõe uma Nova Constituição, só que eleita pelo próprio Congresso, hoje em funcionamento, transformando-o, assim, numa Assembleia Constituinte.

O Governo se faz surdo a essas primeiras manifestações e continua o seu caminho. Segundo o Ministro da Justiça, Armando Falcão, não faz sentido pedir a redemocratização "porque o País já está democratizado".

As camadas sociais dominantes aspiravam por um "regime forte", que pusesse fim às "incômodas" liberdades políticas alcançadas pela Constituição de 1934. O capitão integralista Mourão Filho forjou um plano — o Plano Cohen — que seria apresentado como tendo sido preparado no exterior, para a "implantação do comunismo no Brasil". Getúlio utilizou este plano para justificar o golpe de 10 de novembro de 1937. Foi implantado o Estado Novo e com ele a ditadura.

O Congresso foi fechado, uma nova Constituição, a "polaca" foi outorgada. Greves foram proibidas; censura; centralização do poder; proibido o direito de reunião; repressão policial; fechamento dos Partidos e Sindicatos; prisão e torturas de líderes políticos.

A 2ª Guerra Mundial trouxe grandes repercussões para o País. Desde o golpe de 37 o povo não se manifestava de forma expressiva. As discussões sobre a guerra possibilitaram a formação de comícios, debates e um sentimento antifascista em todo o mundo, que abria caminho para o problema da democracia no País. Forças se aglutinavam para lutar pela queda de Vargas e pela volta à democracia. Os estudantes da Universidade de São Paulo repudiaram o título de "doutor honoris causa" dado a Getúlio. Greve e passeata com o enterro simbólico de Vargas foram realizados pelos alunos da Faculdade de Direito, que também realizaram a "Passeata do Silêncio", em protesto por não terem sido realizadas as eleições presidenciais como estava previsto na "polaca".

O clima de insatisfação contagiava todos os setores. O I Congresso da Associação Brasileira de Escritores aprovou uma moção pela "legitimidade democrática como garantia da completa liberdade de expressão de pensamento". Manifestações estudantis se alastravam. A censura à imprensa era combatida e a volta às liberdades políticas era reclamada.

Nos debates pela redemocratização era inevitável a exigência da anistia, e mostrava que um grande número de brasileiros voltava a participar da vida política do País.

Getúlio tentava medidas para assegurar o poder e acalmar as pressões. Em 1945 era concedida a anistia total aos presos e exilados políticos. A formação do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) era mais uma das suas manobras para tentar conquistar a simpatia dos trabalhadores. Em 1945 Getúlio decretou a lei antitruste. Medidas como estas

levaram certos setores a pregar abertamente a sua derrubada, desencadeando-se ainda naquele ano o Golpe de Estado.

O **habeas-corpus**, mandado de segurança, o amplo direito de defesa (não se poderia efetuar prisões sem ordem judicial), suspensão da pena de morte, o confisco de bens, o banimento e a prisão perpétua, a inviolabilidade do domicílio e o sigilo da correspondência; a estabilidade dos trabalhadores (após 10 anos de serviço não poderiam ser despedidos), foram outras das proposições aprovadas.

Não foram aprovadas várias outras proposições sobre os direitos e garantias individuais, tais como: a extinção das polícias políticas, a proibição de se revistar uma pessoa em público, sob o pretexto de se procurar armas; a impetrar-se mandado de segurança ou **habeas-corpus** contra abusos do poder econômico (a sua não-aprovação foi uma vitória do capital estrangeiro).

A Assembleia Constituinte de 46 funcionou sob quase um estado de sítio, devido às grandes arbitrariedades cometidas pelo Governo Dutra. Mas cumpriu um grande papel, talvez o mais importante, o de desenvolver um amplo debate nacional.

Trinta anos após a eleição para uma Assembleia Constituinte, que viria pôr fim ao impasse constitucional criado pela ditadura Vargas, o País revive, sob a "proteção" dos atos de exceção, da censura aos meios de comunicação, da exclusão dos estudantes da vida política, social e mesmo cultural do País, e do afastamento do povo brasileiro aos debates dos agravantes problemas de nossa sociedade, mais uma etapa de sua história. Para se resolver o impasse hoje criado, fala-se na necessidade de uma Assembleia Constituinte, que, como a de 1946, proporcione o livre debate, a participação do povo na luta por maiores liberdades políticas.

CONSTITUIÇÃO DE 46

As eleições para a Assembleia Constituinte e à Presidência da República se seguiram a grandes comícios, realizados com ampla liberdade. A maior parte do povo não pôde votar na escolha de seus representantes na Constituinte (que aprovou a Constituição). As eleições, apesar disso, foram as mais democráticas já realizadas no Brasil.

A Assembleia Constituinte se baseou, no início de seu trabalho, na mesma Carta de 1934, rasgada por Getúlio em 1937. Os debates foram realizados

para a elaboração do texto constitucional e discussões de leis e de assuntos nacionais.

Os trabalhos da Assembleia Constituinte foram desencadeados em meio a acaloradas discussões. O livre debate pelos Constituintes permitiu que assuntos de interesse para toda a Nação não fossem amplamente discutidos. Dentre eles a questão das concessões a particulares para a exploração de "Serviços de telégrafos, de radiocomunicação, de telefones interestaduais e internacionais, de navegação aérea e de vias férreas que liguem portos marítimos e fronteiras nacionais ou transponham os limites de um Estado", provocaram polêmicas. Arthur Bernardes (ex-Presidente da República, 1922-26), disse: "dar concessões é um dos maiores perigos que uma nação pode criar a si mesma. O perigo de dar concessão é tanto maior quando os testas-de-ferro se prestam a servir a interesses estrangeiros".

A Subcomissão de número 7 (sete), encarregada de preparar o anteprojeto de "Ordem Econômica e Social" foi a mais combativa e, conseqüentemente, a mais perseguida. Tentou aprovar vários anteprojeto "audaciosos", como "a lei que regulara o trabalho, a produção e o consumo, poderá estabelecer as limitações exigidas pelo bem público", ideia bombardeada pelos latifundiários; tentar incluir no artigo 147 "o direito de propriedade e seu uso serão condicionados ao bem-estar"; sugeriu um artigo permitindo que "os trustes, cartéis, entendimentos de qualquer organização, grupo, empresa ou indivíduo, sejam de que natureza for, para dominar os mercados internos, eliminar os concorrentes ou qualquer outra forma de opressão, serão declarados fora da lei e dissolvidos de acordo com a legislação especial que for votada pelo Congresso, mas foram aprovados, apenas, "a lei reprimirá toda e qualquer forma de abuso do poder econômico, inclusive uniões ou agrupamentos e empresas individuais ou sociais, seja qual for sua natureza, que tenham por fim dominar os mercados nacionais, eliminar a concorrência e aumentar arbitrariamente os lucros".

Amplas liberdades foram conquistadas pela Constituição de 46. Foi retirada a censura prévia. Lutou-se até pela retirada da censura a "espetáculos e diversões públicas", como meio de se evitar abusos. Manteve a divisão dos poderes, a eleição direta para a Presidência da República, para governos estaduais, para a Câmara e o Senado Federal, garantiu a obrigatoriedade do comparecimento dos Ministros perante a Câmara, Senado e Comissões, para depoimentos.

FUTEBOL BRASILEIRO: MITO OU REALIDADE?

Fomos informados que para falar sobre o futebol brasileiro atual, em Brasília, ninguém melhor que Idelson Gadioli dos Santos, jornalista esportivo do jornal "VANGUARDA DE BRASÍLIA", onde é responsável pela página de esportes e assina a coluna "Futebol é futebol... e competição". Já viu futebol nos quatro cantos do Brasil, gosta verdadeiramente do futebol competição e tem muita coisa para contar. Eis, na íntegra, o que ouvimos do Idelson com relação a atual situação do futebol do Brasil e do mundo.

— "Muito do que se diz sobre o futebol brasileiro é fantasia. Por exemplo: 'O Brasil tem 110 milhões de técnicos de futebol'. Não é verdade. No Brasil temos 110 milhões de torcedores que se interessam pelo resultado do jogo com a vitória do time de sua predileção. Poucos são os que realmente apreciam o espetáculo e analisam o desempenho tático das equipes e são capazes de discernir, numa partida, qual o melhor dos times ou, pelo menos, o que se portou melhor em campo. Até mesmo os comentaristas esportivos são partidários, e poucos são capazes de analisar, com isenção de ânimos, uma partida de futebol."

"O futebol brasileiro é o melhor do mundo." Também não se pode acreditar piamente nesta afirmativa. Fomos campeões do mundo três vezes — não tricampeões, como dizem — entre-tanto, os uruguaios também foram três vezes os maiores do mundo. Duas vezes campeões olímpicos e uma vez ganhadores da Jules Rimet, aqui no Brasil, em 1950. Foram campeões três vezes seguidas, o que não se deu conosco. Na verdade, estamos entre os melhores, sempre; não somos os melhores. A Inglaterra, a Holan-

da (atualmente), a Alemanha e a Polônia dividem as honras conosco.

"O jogador brasileiro é o mais talentoso." Era o mais talentoso, com os uruguaios e argentinos até 15 anos atrás. Atualmente os jogadores europeus evoluíram muito tecnicamente e nós, sul-americanos, não evoluímos tanto quanto eles fisicamente, isto é, enquanto eles melhoraram no "trato com a bola" nós os acompanhamos no espírito de luta e preparo físico.

MUDAR URGENTEMENTE

O jogador — "Mudar a filosofia de jogar do atleta brasileiro é fundamental. Ele participa da partida aleatoriamente, não luta pelo resultado, não procura fazer jus ao dinheiro que recebe. Nenem Prancha, filósofo do futebol, dizia que jogador bom vai na bola como quem vai num prato de comida. Decididamente isto não acontece com o futebolista do Brasil, que acima de tudo cuida-se para evitar contusões e poupar energias."

O calendário esportivo — "É um verdadeiro absurdo. Uma verdadeira maratona e participa decisivamente na maneira de atuar do nosso jogador. Jogos e mais jogos, torneios e mais torneios, campeonatos e mais campeonatos, num verdadeiro desrespeito ao atleta e ao público. Organizar no futebol brasileiro é crime. Com exceção da seleção brasileira que é cuidada, é planejada, dentro do possível, o restante é improvisação. O "Brasileirão" está aí para não deixar a gente mentir."

As arbitragens — "Calamitosas. Os juízes cometem verdadeiros crimes contra as regras do jogo. Uma partida de futebol tem duração de 90 minutos e raramente, no Brasil, assistimos 60 de

futebol, culpa dos homens de preto, que são tapeados pelos jogadores, com encenações, desrespeito e embromações em todo o transcorrer da partida. Jamais um jogador de futebol deixa a bola no lugar da falta, fazem questão de jogá-la para longe, sob o olhar complacente do juiz. Uma falta na entrada da área é verdadeira novela. Empurram-se, chutam-se e retardam a cobrança a seu bel prazer. Uma lástima! Quando vamos jogar na Europa, onde o preparo físico para resistir ao jogo, já que o juiz exige respeito ao público e que se dispute a partida?

Maneira de jogar — Estamos jogando errado. O futebol de circo acabou. Flávio Costa impingiu por muito tempo a famosa "diagonal", que por muitos anos, apesar de ter disciplinado o futebol brasileiro, nos humilhava nos confrontos com argentinos e uruguaios. Zezé Moreira, o homem da retranca, zero a zero para ele era vitória, nos conduziu ao vexame do mundial de 1954. Finalmente "O Gordo", o moderado Feola, conseguiu dar-nos o campeonato do mundo em 1958, onde o jogador brasileiro assombrou a Suécia com seu malabarismo.

Foi a vitória de um time de supercraques, onde despontavam Pelé, Garrincha, Djalma Santos, Nilton Santos e Gilmar (nosso único goleiro até a data de hoje). Em 1962 fomos os eleitos da Fifa. Ninguém de bom senso pode negar que fomos escolhidos para vencer, para não sair vitoriosa a "legião estrangeira da Espanha". Finalmente, em 1970, tivemos realmente uma equipe preparada, desde as eliminatórias, para vencer. As "feras" do João Saldanha, não as "formiguinhas" do Zagalo, ganharam o "Tri" para nós. As feras jogavam certo. Nada de homens fixos na armação da jogada, como agora. Todos goleavam, todos armavam, futebol conjunto, futebol força, futebol "association", na verdadeira acepção da palavra.



A Invasão Cultural do Ponto-de-Vista Econômico

A invasão cultural, esse monstro, que apavora uns e é motivo de satisfação para outros, uma vez que é elemento gerador de lucros, deve ser entendido como um processo que faz com que um povo de um determinado país receba uma carga de valores, impingida de maneira sutil, e os incorpore ao seu campo de experiências anteriores e conhecimento.

Este processo tem suas origens no desequilíbrio econômico entre dois países, o que permite que se crie uma relação de dependência de um país para com o outro. O país economicamente mais forte, aproveitando-se dessa relação de dependência, tenta impingir valores culturais ao outro, de forma a criar novos mercados para a venda de seus produtos, dos quais seu mercado interno está saturado. Ocorre, às vezes, que a situação se torna tão propícia, que novos produtos são criados em função destes novos mercados, avidos de produtos a serem consumidos. Como nós vivemos no Brasil, passemos a analisar como se dá a invasão cultural em nosso país, quais as suas origens e formas em nosso caso específico.

Inicialmente, o processo de invasão cultural não foi percebido conscientemente pelos invadidos, tendo se tornado possível graças à valorização excessiva dada aos produtos estrangeiros, evidentemente de melhor qualidade, graças à industrialização anterior de países como a Inglaterra, Estados Unidos e outros, que permitiu um desenvolvimento tecnológico mais rápido e, conseqüentemente, essa melhor produção. Essa valorização inicial dos produtos importados criou, entre os brasileiros, o consenso de que "o que é Bayer, é bom", ou seja, de que tudo que era importado era melhor. Mais tarde, os países produtores perceberam que os produtos superfluos também eram procurados avidamente e que poderiam ser impingidos, muito sutilmente, sob o pretexto de estarem "na moda". A maneira mais fácil de mostrar a "moda" era utilizar os meios de comunicação de massa, o que começou a ser feito em grande escala. É claro que não se tratava da venda pura e simples de objetos de consumo, mas, também, do "american way of life", um estilo de vida, com valo-

res próprios, que nada tem a ver com a cultura nacional. Esses valores, uma vez instalados na nossa cultura, possibilitam que os bens de consumo venham atrás, ou seja, venham a suprir os anseios criados por estes valores. Por este processo passam todos os países que estejam em relação de dependência econômica com as grandes potências mundiais, em maior ou em menor escala. Uma outra ressalva, perfeitamente cabível, é a de que no caso do Brasil, particularmente, o grande invasor cultural são os Estados Unidos da América do Norte.

No princípio, o portador das mensagens "publicitárias" dos centros produtores industrializados, notadamente, dos Estados Unidos, foi o cinema. O cinema mostrou e mostra, com todo o requinte possível e imaginável os valores culturais dos nossos invasores, criando anseios e necessidades, de forma sutil e maquiavélica, em todo e qualquer brasileiro que possa pagar o ingresso para assistir a estes filmes.

Este esquema de manipulação dos costumes de um povo, na tentativa de criar novos mercados consumidores não ficou restrito ao cinema, sendo empregado também na música, na literatura e, principalmente, na televisão. Todos estes meios de comunicação de massa estão altamente impregnados por valores alheios à nossa cultura.

Mas, a esta altura, o leitor deve estar a imaginar como é que se torna possível que estes produtos culturais nos sejam impingidos, provocando um prejuízo cultural tão grande, de forma tão fácil e impune. É muito simples: em todos os casos, sem exceção, o produto cultural importado custa muito mais barato que o nacional. Tanto a gravação musical quanto o filme do Kojak, tanto o alguém de um teletipo de agência noticiosa estrangeira quanto um musical da Broadway, têm um preço extremamente inferior ao da contrapartida nacional. Assim, os meios de comunicação de massa que, em sua maioria são empresas que visam lucro, preferem comprar o famoso "enlatado" estrangeiro, a produ-

zir material de boa qualidade, que reflita um pensamento nacional.

Um outro aspecto interessante da questão é que os meios de comunicação de massa, portadores dessa invasão cultural dependem em grande parte de equipamento estrangeiro para poderem funcionar. Essa dependência tem uma conseqüência nefasta para a cultura brasileira e para os que pretendem desenvolver um trabalho nacionalizante dentro da cultura de massa: ela pode ser o elemento que permite que a compra dos "enlatados" seja forçada. Se, por exemplo, uma cadeia de televisão parar de comprar filmes da produtora X, porque pretende produzir seus próprios filmes, a produtora X vai e ordena à empresa Y, sua subsidiária, que pare de fornecer filme virgem àquela cadeia de televisão, forçando-a, assim, a voltar a comprar os "enlatados, o que concorre para o aumento da evasão de divisas. Conforme se pode concluir, dependemos de nossos invasores culturais tanto para o fornecimento de equipamento necessário à produção de bens culturais, quanto para a aquisição desses bens culturais já prontos.

Este processo que se dá em muitos outros níveis, não abordados aqui, concorre para um empobrecimento da nossa cultura, além de prejudicar o país em muitos outros aspectos. A evasão de divisas, pendidas na compra de material para produção e difusão de bens culturais, na aquisição de bens de consumo, cujo desejo criado nos consumidores decorre da comunicação de massa, é o primeiro deles, conforme mencionamos anteriormente. Outro aspecto desse problema é a não-criação de empregos para técnicos brasileiros em comunicação e deficiência na formação de recursos humanos neste campo de atividade.

Os técnicos brasileiros de todo tipo não encontram empregos nos meios de comunicação de massa, como, por exemplo, a televisão, onde a situação se revela mais aguda. Torna-se evidente que se um

canal de televisão, pode reduzir seu quadro de pessoal ao mínimo, o que é possibilitado pela aquisição de enlatados, isto será feito sem a menor preocupação, uma vez que ela é uma empresa que visa lucro. Se não há uma demanda quantitativa de profissionais, por parte do mercado, naturalmente, o processo de formação desses profissionais não tem nenhum estímulo, a não ser o do idealismo. Por outro lado, os técnicos não poderão nunca estar motivados a um aperfeiçoamento profissional, já que os salários pagos por essas empresas serão baixos, porque elas podem escolher entre os desempregados, os técnicos que comporão seu quadro de pessoal. Está claro que os desempregados não podem exigir salários altos, porque se assim fizerem, perderão seus empregos para os que não fazem exigências, mas não podemos negar que as exceções existem e estão aí para serem constatadas.

O problema tem inúmeras facetas e não se pode tentar descrevê-lo sem se correr o risco de não mencionar esta ou aquela mania, o que absolutamente não se pretende nesta matéria. A intenção é dar ao leitor uma visão geral desse problema extremamente complexo, que tem tantos aspectos quantos idéias puderem ser geradas pelas cabeças que representam o poder econômico dos países, dos quais o Brasil depende economicamente. Essas idéias vão desde o emprego de autoridades em comunicação que se propõem a funcionar como garotos-propaganda, escrevendo livros teóricos que reforçam o esquema de colonialismo cultural de forma bastante sutil, como é o caso de Marshall McLuhan, até gravações de trilhas sonoras de filmes em discos, que são lançados dias após o lançamento dos filmes.

Resta-nos saber até quando o governo brasileiro continuará permitindo este tipo de exploração econômico-cultural, porque é necessário que medidas coibitivas sejam tomadas, já que a livre empresa não se preocupará em diminuir jamais suas fontes de um lucro inesgotável.

Omar Abbud

Partindo do princípio que a televisão brasileira é um meio que permanece ainda completamente desvinculado de nossa realidade, esta reportagem foi feita tentando englobar os problemas culturais, políticos e econômicos — comuns na política de comunicação brasileira — e uma análise qualitativa da programação que estamos acostumados

PERFIL DA TELEVISÃO BRASILEIRA

a assistir, a uma entrevista com a representante do telejornalismo da Globo, Alice Maria. Vista muito mais com a experiência de espectadores, do que com um profundo conhecimento a respeito do tema, esta reportagem pretende, principalmente o questionamento e um alerta para a maneira pela qual este meio tão importante está sendo utilizado.

TV Brasileira: como nacionalizar?

Muito se tem anunciado de esforços no sentido de planejar o desenvolvimento cultural do País. E atualmente, a tentativa de nacionalização, talvez seja uma das propostas mais importantes surgida na área da televisão brasileira.

O Ministro das Comunicações — Euclides Quandt de Oliveira — em diversas oportunidades tem se referido ao problema da invasão cultural, ou seja, da programação alienígena que recebemos em 57 por cento da programação diária transmitida pelas principais redes de televisão. Isto sem incluir os 34 por cento de quadros estrangeiros montados por técnicos brasileiros, que em matéria de conteúdo, apesar de adaptados, não deixam de ser estrangeiros.

Apenas este dado já nos serve de base para uma conclusão sobre o que está acontecendo na TV brasileira: um monopólio que determina um absurdo colonialismo cultural.

Como declara o próprio Ministro Quandt — "a nossa televisão está sendo veículo privilegiado da importação cul-

tural, fator básico de descaracterização de nossa cultura".

Dentro desta realidade, o Governo apresenta uma suposta política de comunicação, que no Brasil diz-se ser a de "responsabilidade social" pela iniciativa privada, mas em que o Estado estabelece princípios mostrando a necessidade de sua intervenção como órgão regulador e de abrigo às pressões políticas e financeiras.

O Governo concede canais para a iniciativa privada. Ele escolhe a pessoa (Sr. Silvio Santos?) ou o grupo privilegiado que terá acesso a este meio de comunicação tão poderoso.

E como isto traz implicações à nossa cultura? Ora, a cultura é essencialmente social, portanto deve refletir o contexto brasileiro: nossa criatividade, nossos problemas, nossos anseios. Mas tudo isto é acionado, direta ou indiretamente, pelo aparelho Estatal. É através dele que as manifestações culturais se materializam socialmente.

O que se tem na realidade é o Estado decidindo em função do seu ideal de

Homem. Esta atitude é imposta de fora para dentro, sem valor algum, portanto, para a livre formação de um povo.

Neste quadro, quais as possibilidades de nacionalização da TV brasileira?

Os problemas são muitos: econômicos e políticos, principalmente. Prova disto é que anualmente, as vendas ao Brasil dos "enlatados estrangeiros" rendem ao exterior milhões de dólares.

Como mudar esta realidade? Isto implica problemas de mercado, de produção, de mão-de-obra especializada, de poder pagar equipes que saibam realizar programas de conteúdo que representem nossa realidade cultural.

Em suma, falta-se de nacionalização quando a relação instituída é de poder, que não deixa oportunidades para outras criações. Esta nacionalização fica a critério do Estado e dos "donos únicos do poder" que decidem sobre o que é cultura e mais ainda sobre o que o brasileiro deve receber em matéria de informação para formar esta cultura.

A televisão comercial é aceita e até considerada um bem — o próprio Minis-

tro Quandt — declara que "não há nada que se pretenda alterar neste sentido".

Então: o mercado dominado por uma cultura estranha, o Estado intervindo e escolhendo quem tem direito e idoneidade para explorar um canal de TV e os poderosos das principais redes a decidir sobre o gosto e opinião dos milhões de telespectadores.

O Governo parece ter optado pela política de substituição gradativa da programação estrangeira por nacional, e quanto a isto já foram elaboradas leis que pretendem regulamentar a obrigatoriedade de apresentação de filmes brasileiros na TV.

Outra medida é a descentralização das produções de filmes para a televisão. Dentro deste plano já foram criados novos centros produtores, localizados em Salvador, Curitiba e Brasília, que além do Rio e São Paulo, deverão ser os novos geradores de nossa cultura.

um meio em transformação

maior público está entre a faixa etária de 3 a 15 anos que fica prostrada diante dela de 7 a 11 horas diárias, assistindo filmes e desenhos como: Speed Racer, Batman, A Feiticeira, e outros do mesmo estilo que nada têm a acrescentar na tão imaginativa mente infantil. Diante dessa constatação, uma das maiores preocupações atuais dos especialistas em TV, é a qualidade dos programas infantis, que são apresentados em massa diariamente. Que função teria a TV, para as crianças?

— Questões deste tipo são freqüentemente formuladas pelos pais e especialistas, sem no entanto, ter-se encontrado até o momento, respostas conclusivas. A TV é acusada de responsável pelo mau desenvolvimento intelectual das crianças, mas sem considerar-se outros fatores que influem no mesmo em maior grau, como a classe social, a educação ou o meio ambiental.

— Outro fato grandemente contestado é o conteúdo e a programação que a TV gera a seus telespectadores. 57% da programação diária transmitida é composta de programas importados. De cada 109 horas semanais de programação, apenas 31 horas são preenchidas por assuntos estritamente nacionais. Ou seja, a nossa TV comercial está impondo uma programação diária que em sua maioria, nada tem a ver com a cultura brasileira.

— Nossa programação é basicamente constituída de "shows", novelas, filmes e variedades (distribuição de prêmios), embora atualmente se esteja dando cada vez mais, importância aos noticiosos e programas culturais, que vão desde o Globo Repórter (Rede Globo) até a História da Música Popular Brasileira (Rede Tupi). As produções nacionais concentram-se no período das 18 às 22 horas, no chamado "horário nobre". Em dias da semana, no entanto, são substituídos por enlatados estrangeiros. Sendo este o horário mais assistido, conclui-se que as emissoras só podem produzir para a faixa de público de maior poder de consumo. Fora deste horário, os filmes e outros programas de produção mais barata (como informativos culturais) são mais vantajosos e custam bem menos. Como concluiu o estudioso João Rodolfo do Prado, em pesquisa feita no Grande Rio: "... conclui-se que a televisão carioca (e brasileira), produz "show" e novelas. O resto é periferia".

— Recentemente o Ministro Ney Braga revelou que, a partir do próximo ano, os enlatados americanos desaparecerão gradativamente da televisão brasileira, cedendo lugar a seriados nacionais com base em componentes de uma temática genuinamente nacional.

— É um passo decisivo para o fortalecimento dos aspectos característicos da cultura brasileira e que permitirá uma identificação real do povo com as peculiaridades regionais. Além disso, ampliará o mercado de trabalho para os nossos profissionais.

— Porém, até que este projeto se inicie, o povo continuará a "engolir" esses filmes e desenhos que, ao invés de levar à reflexão e ao conhecimen-

— A TV é, sem dúvida, o meio de comunicação de massa mais abrangente e como tal, conseguiu atingir relações extremas com a sociedade, tornando-se evidente os hábitos e padrões de um grupo frente a ela.

— No Brasil, a TV representa cerca de 70% de instrumental de comunicação, sendo que seu



O CASARÃO

A novela no Brasil é sem dúvida a parte da programação televisiva mais bem cuidada e trabalhada, e por conseguinte, é aquela que passa por um processo mais rico, porém penoso, de produção. São vários os problemas que se enfrenta para se chegar a uma boa produção: reação da audiência, restrições da censura, vencer o relógio do tempo, enfim, é toda uma escalada industrial para que o produto final consiga um padrão artístico mínimo e um sentido cultural que corresponda aos anseios de uma nação carente de saber.

Pedro Jorge, Professor do Departamento de Comunicação, quando questionado sobre a situação da telenovela brasileira, discorreu sobre uma que, atualmente, representa uma inovação em técnicas de TV: O Casarão.

— Antes de O Casarão, a Rede Globo fez uma tentativa de inovação com O Rebu. Apresentada num horário mais tarde, às 22 horas, O Rebu teve como público de prova, pessoas mais responsáveis, em condições de não se perderem numa linha de pensamento, e conseqüentemente, que pudessem avaliar a importância das constantes voltas ao passado, como refor-



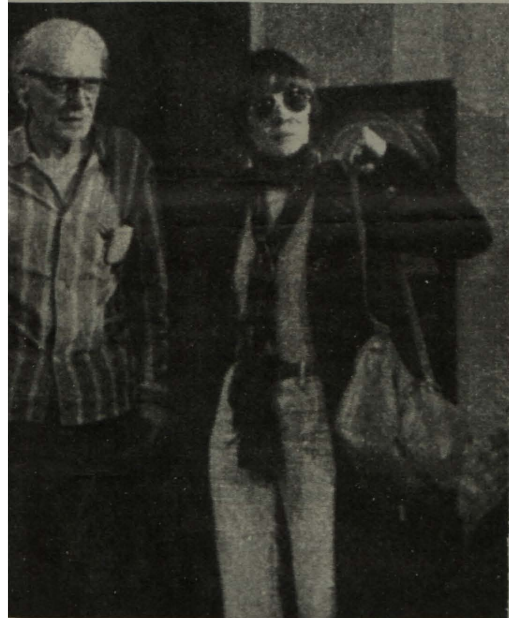
ço de fatos e acontecimentos do presente. Mas, nem por isso deixou de correr o risco da boa ou má aceitação, e como tentativa, foi de grande valia para a TV brasileira.

Para Pedro Jorge, a novela O Casarão, aborda aspectos interessantíssimos: o primeiro é o "talento que se sobrepõe sobre os que comandam pelo poder da posse". João Maciel (quando jovem, Gracindo Júnior; velho, Paulo Gracindo) e Atilio (quando jovem, Denis Carvalho; velho, Mário Lago), são dois exemplos típicos. Ambos vencem pelo talento, na pintura e política, respectivamente. O segundo aspecto é o legado de submissão feminina transmitido através das gerações. Em O Casarão, esta submissão é uma peculiaridade das mulheres do começo do século, como Dona Olinda (Miriam Pires). Nós vimos a escolha e a imposição dos maridos para Maria do Carmo (Analu Prestes) e Carolina (quando nova, Sandra Barsotti, e velha, Yara Cortes) e supomos que o mesmo tenha ocorrido com Dona Olinda. Alice (Daisy Lúcid), filha de Carolina e Atilio, é casada com Francisco (Fernando Villar), vive condicionada a todas as decisões do marido e seu único objetivo é manter a unidade do lar. Carolina, a neta (Renata Sorrah), é a afirmação da independência. Ela é a primeira das mulheres da família a tomar uma de-

SARÃO

cição livre, tanto para escolha de seu casamento, como para o rompimento do mesmo com o desquite. Aliás, lembra Pedro Jorge, esta é a segunda novela divorcista da Rede Globo. A primeira foi Escalada. O desquite, isto porque não existe divórcio no Brasil, é a solução para grandes conflitos conjugais.

— Quanto aos personagens masculinos, João Maciel e o Major Deodato (Osvaldo Loureiro): são os dois papéis de maior coerência da novela. Todos os atos e ações destes conseguem refletir com muita realidade a estrutura social de uma época, onde o poder era passado de pai para filho. No caso, o Major Deodato transfere todo o seu poderio para o seu genro Eugênio (Edson França). João Maciel é um personagem que desafiou a sua própria vida. Ele não teve um antecedente que lhe deixasse alguma herança, então hoje, ele é um homem consciente da realidade que o cerca, das desilusões passadas que o levaram a escolher a vida que hoje tem. Atílio (velho), é o homem opressor do passado, que faz de sua surdez uma fuga. Ele é alheio aos problemas atuais, e só tem momentos, quando se lembra de seus gloriosos discursos e atuações políticas.



Outro aspecto interessante, diz Pedro Jorge, é que esta tática de volta ao passado, o chamado "flash back", permite uma maior mostra de espaços vivos, demonstrando também, que as externas hoje, já são enfrentadas, sem medo, pela produção. Esta tática é sempre usada em momentos exatos e horas estratégicas, para dar maior continuidade a uma ação. Geralmente elas são introduzidas em momentos em que um acontecimento do passado pode justificar uma situação de hoje.

A telenovela brasileira, portanto, vem aos poucos, apesar de todas as dificuldades que enfrenta, tentando suprimir esta característica falta de conteúdo, antes tão presente em nossas programações. Esta preocupação em aumentar o nível dos programas nacionais, e em particular o da telenovela, já está há algum tempo em ação. A cobaia foi a novela das 22 horas, que, para surpresa dos produtores foi muito bem aceita pelo público. Depois foi a vez da novela das 20 horas, como O Casarão, uma produção sem dúvida bem audaciosa para o horário. Em Estúpido Cupido, novela das 19 horas, cujo maior objetivo é refletir o pensamento e os costumes no início da década de 60, já se nota uma certa melhora que esperamos continue a evoluir.

to de nossa realidade e de nossa cultura, aliena cada vez mais os indivíduos.

— Refletir a realidade brasileira não é apenas a abordagem de temas nacionais, mas fundamentalmente, a discussão dos problemas do País, através do jornalismo, do serviço público e mesmo do entretenimento. Infelizmente, ainda não é possível esse tipo de programação, e Walter Avancini, um dos mais badalados diretores de "shows", justifica: — "Há um código de censura que impõe determinadas normas. Essas normas, por exemplo, nos levam à não colocação de problemas conflitantes, a um respeito a faixas etárias. No caso da programação das 8 horas da noite, própria para os 10 anos de idade, existe uma série de limitações em função desses 10 anos". Resta-nos saber, que escala de valores é utilizada para tais limitações.

— Estações de menor audiência começam agora a promover alguns debates relativamente livres. Mas é verdade também, que elas fazem esse gênero de programa por causa de sua pequena repercussão. Contudo, nota-se que está havendo uma crescente preocupação, por parte das demais emissoras, em maior conteúdo à sua programação, ou pelo menos abordar temas mais populares e mais simples, sem tantas lantejoulas, mas com um melhor conteúdo. É o caso da Rede Tupi de Televisão, que lançou em setembro um programa enfocando a História da Música Popular Brasileira. Num cenário muito simples, são apresentados depoimentos, entrevistas e interpretações dos nossos principais cantores, músicos e compositores. Esta série de cinco programas combina com o relançamento da Abril Cultural das edições da "História da Música Popular Brasileira", que com alguns fascículos modificados e o repertório de alguns discos alterados, foi rebatizado de "A nova História da Música Popular Brasileira".

— Apesar do elevado número de estações geradoras, isto é, em condições de realizar e transmitir seus próprios programas, o território brasileiro não é coberto por emissoras voltadas para as regiões em que funcionam.

— Na realidade, a grande maioria limita-se a retransmitir em vídeo-tape e ligações diretas, as programações dos dois grandes grupos geradores: as redes Globo e Tupi. O máximo que as outras emissoras produzem são algumas horas semanais de programas sem interesse para o grande público e em horários de pouca audiência.

— Mas porque essas emissoras não produzem seus programas? O problema fundamental é de ordem econômica. João R. Prado enumera: — "Primeiro, o comércio local geralmente não é rico nem dispõe de rendas para publicidade, além disso, a concorrência é menor. As indústrias não encontram a mesma motivação para investir nessas regiões, pois o mercado consumidor é bem restrito. Segundo, a produção de custo dividido. Um programa tem seu custo coberto pelos anunciantes e pelo aluguel do vídeo-tape aos componentes da rede".

— E os programas, são feitos para a massa? O teatrólogo Paulo Pontes diz: — "Todos os anunciantes da televisão são anunciantes de produtos de bens duráveis, quer dizer, voltam-se para a faixa que é beneficiária do processo de concentração de renda. Estamos assim diante da seguinte contradição: um veículo popular fazendo uma programação elitista. Tudo isso porque o objetivo da televisão é vender mercadoria. Se o mercado dela é de gente que pode comprar um automóvel Passat, é de classe média, então se coloca um especial Frank Sinatra ou um Sandra e Miéle, que embrulha bem o telespectador. O processo de concentração de rendas — que faz com que a televisão fale para uma minoria de compradores e não para o grosso da população — e a situação política — que impede que os problemas mais importantes, profundos e concretos da vida do cidadão sejam debatidos na TV. Estes são os principais elementos responsáveis pelo que a televisão é hoje em dia".

— Vejamos agora o conteúdo e em que bases está sendo produzidas a nossa programação. No que diz respeito às novelas, história como a do Anjo Mau com as aventuras de três famílias burguesas cariocas, onde uma babá para ascender socialmente, transava com seu patrão e se submete a todos os seus caprichos, foi contada. Atualmente O Casarão, pondo em relevo a vida de cinco gerações de uma família, acentuando o papel da mulher em épocas diferentes, vem questionar problemas com a realidade. É sem dúvida, a de qualidade entre as apresentadas no momento.

— Em "shows", o que se vê é a exploração da sensualidade de mulheres bonitas, entrevistas inexpressivas de algum ator ou jogador de futebol famoso. Ou então, um "show" de variedades, onde se fala de guerras no mundo e das preferências das mulheres dos "society"; dos melhores versos de autores brasileiros e dos gols da rodada do campeonato nacional; de fantásticas pesquisas e descobertas nos EUA e do conjunto musical que começa a fazer sucesso na Europa; e para aliviar a cabeça de quem vê esse amontoado de coisas, um bom humorista com muita graça e talento.

— Quanto aos noticiosos, temos os Telejornais diários divididos em três partes: local, nacional e internacional. Na primeira parte são apresentados fatos quase sem importância do dia-a-dia de uma cidade, atos do Governador ou a reclamação de um morador de uma determinada zona. Em seguida, o Rio e São Paulo entram, falando dos pronunciamentos dos políticos e seus projetos de lei, ou alguma inauguração feita pelo Presidente, mas sem um informativo realmente expressivo de seu ato. O Jornalismo internacional detém-se nas guerras e catástrofes que acontecem no mundo. Enfim, tudo isso tendo como pano de fundo, vozes agradáveis de serem ouvidas e uma produção colorida maravilhosa.

Marcia Regina V. Barbosa
Lúcia Maria P. Negli Castro



T
E
L
E
V
I
S
Ã
O

Como Alice Maria, editora-chefe de telejornalismo da "Globo", justifica a posição que ocupa hoje.

Alice Maria, 31 anos, casada e mãe de uma menina de 5 anos, ex-professora primária, é a editora-chefe da mais poderosa rede de estações de TV do país — a rede "Globo".

Sob sua direção trabalham 210 jornalistas espalhados pelo Brasil, sendo que só no Rio contam-se 101 jornalistas, entre editores, chefes de reportagem e repórteres.

EU CHEGUEI PRIMEIRO NA TV



"Em breve no telejornalismo só vamos querer jornalistas. Não apenas na redação mas também frente às câmeras."

Na redação de telejornalismo, logo que cheguei, foram me avisando — "Alice Maria vai sair para levar a filha Patrícia ao Pediatra mas volta depois do Jornal Nacional para falar com você". Eram 5 horas. O jeito foi ficar perambulando pela Central de Telejornalismo para o que desse e viesse. Movimentação incrível. O pessoal fechando a pauta, os telefones tilintando com as últimas notícias dos Estados. Ronam Soares, jornalista tarimbado, coordenador dos Estados, com sua calma característica, vai colhendo as chamadas telefônicas ajudado por Maria Helena Amaral, da sua equipe. Eliane Furtado, repórter de vídeo, está saindo para uma reportagem externa. Alguém telefonara avisando que um homem com uma cobra de três metros fazia evoluções na Cinelândia. Me convidava para acompanhá-la. Não, o objetivo é Alice Maria, não dá. Outro dia, quem sabe? Chapelain passa para receber sua pauta, bate um papinho. Tudo muito à vontade, muito igual. Ninguém se sente vedete na Central de Telejornalismo da Globo.

Minha opinião é confirmada quando sou introduzida numa sala verde e branca, num dos últimos andares do prédio. Do outro lado de uma mesa de tampo de cristal e pés de aço polido está Alice Maria. Me recebe com a naturalidade de uma conhecida e com a mesma atenção que daria a qualquer outro colega. Sim, conhece o jornal CAMPUS da UnB, já foi várias vezes a Brasília, seu pai trabalha lá, no Ministério da Agricultura. Fala sobre Patrícia, sua filha, sua preocupação com a dorcinha que a menina se queixava na perna: talvez tenha relação com as amígdalas. Operá-la ou não? Mas logo volta sua atenção para a repórter e durante 2 horas falou com exclusividade para o CAMPUS sobre sua especialidade — o telejornalismo.

A HORA CERTA

CAMPUS — Como foi que você, professora primária, chegou à posição que ocupa hoje?

ALICE MARIA — Como professora não dava para a coisa. Fazia tudo direitinho, mas foram cinco anos de insatisfação dando aula. Faltava o "elan". Comecei então a estudar jornalismo e na hora de estagiar vim para a TV Globo. Era a hora de formação de equipe. Passava o dia na redação, no telefone, colhendo notícias. Depois passei a fazer a pauta e o Armando, que precisava formar gente, ia corrigindo, rabiscando, reescrevendo. Estou consciente de que estou aqui porque cheguei na hora em que o telejornalismo começava e eu soube aproveitar a oportunidade. Além disso, os profissionais da época não topavam o desafio. Se tivessem, muitos poderiam estar no meu lugar.

O PRINCÍPIO DIFÍCIL

CAMPUS — Armando Nogueira, seu diretor, tem sob sua responsabilidade, além do setor de telejornalismo, o setor de reportagens especiais (Domingo Gente e Globo-Repórter) e o setor de esportes, enfim, os três setores que compõem a Central Globo de Telejornalismo. Tratava-se de jornalista que já tinha sua posição e nome firmado em jornal. Como se deu a transição dele para a TV?

ALICE MARIA — Armando, jornalista respeitado e com nome firmado, arriscou tudo quando aceitou o convite para trabalhar na TV, veículo muito importante, mas que naquele tempo era visto meio de lado pela maioria dos seus colegas. O princípio foi sem dinheiro e sem profissionais. Ele foi pegando alunos da Faculdade de Jornalismo, como eu, que o conhecia só de nome.

A "LOUCURA DO ARMANDO"

CAMPUS — Mas de estagiária à editora-chefe, como foi?

ALICE MARIA — Aos 21 anos, quando comecei aqui, era uma espécie de virgem em relação ao mundo, superprotegida pelos pais, etc. Tive que amadurecer num período muito curto. Como era época de formação de equipe, eu, estagiária, fui fazendo a pauta com outro colega de Faculdade. Quebrava a cabeça, reescrevendo textos e o Armando corrigindo. Eu dando tudo o que podia. Ele foi me formando como editora e, quando o editor da Globo foi para São Paulo, fez, o que na época considerei "a loucura do Armando", me pôs no lugar do editor. Naturalmente com a concordância do Walter, da cúpula enfim.

O REPÓRTER DE VÍDEO

CAMPUS — O telejornalismo da TV Globo é considerado de longe, o melhor do País. Quais sos

pontos que você ainda classificaria como deficientes?

ALICE MARIA — Você vai pensar que é demagogia, mas acho tudo deficiente. Apesar do pessoal lá fora achar que estamos felizes da vida, temos consciência de que estamos começando. O que nos preocupa agora é a formação do repórter de vídeo, bom repórter, bom jornalista, bom de texto e que consiga falar ao microfone, frente às câmeras com um mínimo de naturalidade. O bom repórter de vídeo, que mande a matéria pronta, editada e que, se não quiser, nem precise vir à redação. E só se ver o filme e colar os pedaços. Costa Manso e Márcia Mendes estão nesse caso. Mas a maioria está numa faixa intermediária. Na reportagem externa eles fazem a cabeça do texto e o encerramento. O miolo é feito com o editor na redação e depois monta-se o filme no texto. Mas o ideal é que todos façam a matéria e a mandem pronta.

O NOVO MICROONDAS PORTÁTIL

CAMPUS — Soube que a Globo está para receber o ENG. (Electronic News Gathering) receptor eletrônico de notícias. Será essa a razão do crescimento da importância do repórter de vídeo?

ALICE MARIA — O repórter diante do acontecimento, o texto que souber elaborar e sua naturalidade diante das câmeras serão fatores essenciais para o bom aproveitamento do ENG. Esses novos microondas portáteis e de polarização circular ligam qualquer ponto da cidade à emissora instantaneamente. Até o fim do ano estarão em funcionamento. A tendência será diminuir a apresentação do locutor e aumentar as dos repórteres de vídeo. O telejornalismo sairá enriquecido pois são vários os repórteres de vídeo; o locutor ficará apenas como um elo de ligação entre uma reportagem e outra. Nossa intenção é que mesmo os substitutos dos narradores-locutores, no futuro sejam jornalistas, com possibilidade de dar ao texto que recebem o seu estilo próprio e poder dar um show frente às Câmeras. A cara bonita, os olhos verdes não são mais fundamentais para o locutor do telejornalismo moderno Carlos Campbell e os outros sabem disso: estão concorrendo em igualdade de condições com um Costa Manso, por exemplo, figura que está crescendo como ótimo repórter de vídeo. Naturalmente a vivência diante das câmeras, a faculdade de improvisar ante um imprevisto são frutos da experiência profissional que só com o tempo se adquire.

O MELHOR LOCUTOR DE TV

CAMPUS — Dos locutores de telejornalismo da Globo, qual o que, para você, mais se aproximaria do ideal?

ALICE MARIA — Heron Domingues. Para mim o lugar de Heron ainda está vazio. Sua consciência profissional, sua força e credibilidade ante às câmeras ainda não foi substituída. Quantas vezes o Heron não foi chamado às pressas para dar uma notícia extra, em horas as mais imprevistas? Interrompia fosse o que fosse e aparecia a tempo e a hora. É esse o comportamento do jornalista.

A CREDIBILIDADE DA MULHER LOCUTORA

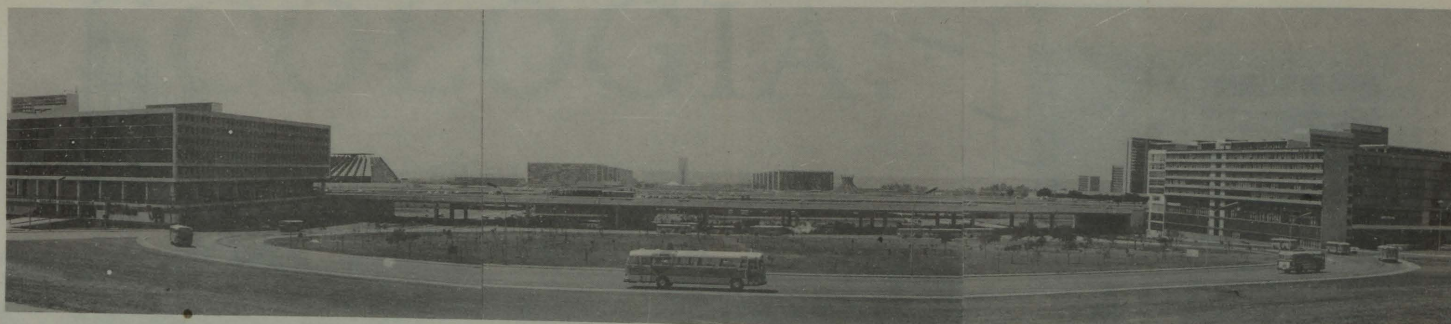
CAMPUS — Para uma notícia importante, dessas extraordinárias, quem seria o escolhido, o locutor homem ou mulher?

ALICE MARIA — Para mim pessoalmente não faria diferença. Mas em termos de público brasileiro, o locutor-homem seria o escolhido. Ainda se tem muito daquela impressão de que "o homem transmite um fato, a mulher passa uma fofoca". A notícia importante ainda é do locutor homem. Isso apesar de mais de 50% dos textos ditos por eles serem escritos por mulheres jornalistas...

CAMPUS — Será isso uma forma de preconceito em relação à mulher jornalista?

ALICE MARIA — De forma alguma. Quando nós admitimos um jornalista não nos preocupamos com o fato de que seja homem ou mulher. O que acontece, às vezes, é que a mulher quer conquistar o lugar dela, mas também se aproveita muito de sua condição de mulher, para fazer corpo mole. Não aparece porque a empregada não veio e outros motivos do gênero. Aqui na Globo isso é raro e não digo que não existam homens desse tipo também. A verdade é que apesar de ninguém ser insubstituível você tem que fazer tudo para que as pessoas achem imprescindível. E isso só se consegue com muito trabalho e muita consciência profissional.

HILMA BANDEIRA



RODOVIÁRIA

Modificações na Plataforma Superior

Quem Lucra?

Pedestres ou Comércio?

Apesar de ser o único local de uso comum de toda a população, a rodoviária perde cada vez mais suas características originais de catalizador de uma maior participação coletiva, de elemento intensificador da vida urbana, para se firmar apenas como caminho, reduzindo-se aos poucos numa ponte que liga diferentes equipamentos urbanos.

A rodoviária é o ponto de união das principais vias da cidade, uma espécie de "nó urbano" onde é efetivada a ligação dos eixos sul, norte e monumental, consequentemente asa norte e sul. Grande parte dos caminhos para transporte individual passa pela rodoviária que é também ponto de chegada e saída de todos os coletivos do Distrito Federal; servindo ainda como local de embarque e desembarque para os ônibus interestaduais. É um ponto de circulação de maior densidade de pessoas em Brasília.

Os problemas que atingem a rodoviária não são privilégio exclusivo dela, pelo contrário, o seu adoecimento é antes de mais nada, sinal, da epidemia que atinge o organismo urbano como um todo. Por ter uma vida interna independente, receber e distribuir grande fluxo de pessoas e ser possível a partir dela manter um relacionamento físico com toda a cidade, é de se questionar: o que a desintegra do contexto urbano e retira dela a qualidade de centro vital? As respostas se relacionam intimamente com a forma de uso e o mal trato que vem sendo a ela dispensado, ocasionando interferências num processo que não se rompe. Interferências que têm acontecido sucessivamente desde a implantação dos centros comerciais (da maneira como foram implantados) que se isolam dela sem contudo se pouparem do usufruto, do consumo desgastante que exercem sobre a concentração humana que ela promove; até a construção de viadutos destruidores de um elo que existia entre rodoviária e torre. E, transformações nem sempre adequadas de sua plataforma inferior e superior, redutos da vivência, do conagraamento entre gentes que passam a existir cada vez mais como indivíduos isolados, que automá-

ticamente se desgastam em vitrines coloridas.

Além de ser um terminal de transporte coletivo, a rodoviária de Brasília ocupa uma posição privilegiada no contexto urbano, tanto pela sua localização como pela concepção arquitetônica do edifício e entornos adjacentes. Para ela converge grande porcentagem do tráfego de veículos, e a medida em que a cidade se expande (em núcleos externos ao Plano-Piloto — periferia que utiliza exclusivamente o transporte coletivo), o fluxo de pessoas centralizado pela rodoviária também se expande. Mas é visível o paradoxo: ela perde suas características originais de elemento intensificador da vida urbana, de catalizador de uma maior participação coletiva.

É comum vermos caminhos feitos, para se chegar a determinados lugares se tornarem mais importantes que estes lugares, à medida em que estes perdem sua autenticidade. Em Brasília, com a rodoviária, ocorre o contrário, ela se sedimenta apenas como caminho, quando é em sua essência muito mais que isto. Aos poucos ela vai se reduzindo numa ponte que liga diferentes equipamentos urbanos, quando na realidade é o único local de uso comum de toda a população, indiscriminadamente.

Encontrando-se muito bem encaixada entre os eixos, no centro que liga as asas, a rodoviária não interrompe visualmente o eixo monumental, onde fica implantada. Se integra à grande praça que se estende da esplanada até a torre, enriquecendo-a plasticamente. A desintegração se dá a nível humano. Podemos observar um movimento intenso na rodoviária que não se esparrama pelo seu entorno.

Rogério de Lima Maldonado



"Uma cidade é muito mais do que um modelo de planejamento; é muito mais que um instrumento de política econômica, é muito mais que um núcleo de polarização social. A alma da cidade, a força vital que a faz respirar, progredir, existir — reside em cada um de seus cidadãos, em cada homem que nela aplica e nela esgota o sentido de sua vida."

Jaime Lerner





Segundo o plano de Lúcio Costa, a plataforma superior da rodoviária seria um espaço urbano destinado ao lazer; tratado em função das pessoas e não do comércio. Um local que absorvesse o fluxo de pessoas através de equipamentos ali instalados.

"Nesta plataforma, onde o tráfego é apenas local, situou-se então o centro de diversões da cidade (mistura, em termos adequados, de Piccadilly Circus, Times Square e Champs Elisées)".

Lúcio Costa

Em vez de centro de diversões, ali foram construídos dois grandes centros comerciais. Onde o tráfego seria apenas local, há amplos estacionamentos e o trânsito é intenso. Com intenções e objetivos exclusivamente comerciais, o local serve unicamente ao consumo.

"A face da plataforma debruçada sobre o setor cultural e a Esplanada dos Ministérios, não foi edificada, com exceção de uma eventual casa de Chá e da Ópera, cujo acesso tanto se faz pelo próprio Setor de Diversões, como pelo Setor Cultural contíguo, em plano

inferior. Na face fronteira foram concentrados os cinemas e teatros, cujo gabarito se fez baixo e uniforme, constituindo, assim, o conjunto deles, um corpo arquitetônico contínuo, com galeria, amplas calçadas, terraços e cafés, servindo as respectivas fachadas em toda altura de campo livre para instalação de painéis luminosos de reclame. As várias casas de espetáculo estarão ligadas entre si por travessas no gênero tradicional da rua do Ouvidor, das vielas venezianas ou de galerias cobertas (arcadas) e articuladas a pequenos pátios com bares e cafés, e "loggias" na parte dos fundos, com vista para o parque, tudo no propósito de propiciar ambiente adequado ao convívio e a expansão."

Lúcio Costa

Nada do previsto no plano de Lúcio Costa, a respeito de um espaço urbano para integração e congraçamento das pessoas, aconteceu. Em vez de cinemas, bares e teatros temos lojas, supermercados, importadoras, enfim todo tipo de comércio, tudo ligado por extensos e numerosos corredores iluminados artificialmente que nada têm de comum com a previsão romântica de Lúcio Costa



sobre como deveriam estar ligadas as casas de espetáculo, isso sem falar na poluição sonora provocada pelas lojas de discos e demais tipos de comércio. Desprezando a luz natural, o edifício concentra em seu interior um ambiente sombrio, mal cheiroso, fechado, servindo unicamente à especulação comercial. Em vez de um conjunto leve, aberto, com amplas visuais, calçadas, terraços e cafés, temos dois blocos enormes, maciços, com uma arquitetura fechada, pesada, voltada para dentro, com gabarito alto em completo desacordo com o entorno e com a própria cidade, propiciando ambientes sem quaisquer atrativos lúdicos. Da sugestão do uso das fachadas de gabarito baixo para painéis luminosos de reclame temos hoje o mau gosto do imenso e luminoso paredão do CNB. O que deveria ser um ambiente agradável, sadio, pensado e tratado em função do homem, de sua necessidade de convívio e maior aproximação com outras pessoas nada mais é do que um antro de exploração e um incentivo ao consumo abusivo.

"O pavimento térreo do setor central desse conjunto de teatros e cinemas manteve-se

vazado em toda a sua extensão, salvo os núcleos de acesso aos pavimentos superiores, a fim de garantir continuidade à perspectiva, e os andares se previram envidraçados nas duas faces, para que os restaurantes, clubes, casas-de-chá, etc, tenham vista de um lado para a esplanada inferior e do outro para o alicive do parque no prolongamento do eixo monumental e onde ficam localizados os hotéis comerciais e de turismo..."

Lúcio Costa

A plataforma superior da rodoviária, atualmente, tornou-se parque de estacionamento servindo os dois centros comerciais. Não há arborização ou qualquer espécie de tratamento paisagístico que amenize a dureza do concreto, a aspereza do asfalto. O conjunto maciço dos centros comerciais que se espalham horizontalmente privam-nos da possibilidade de uma vista num ângulo de 360° de todo o eixo monumental. Em decorrência dessa falta de tratamento urbano adequado e pela falta de atrativos, esses centros comerciais absorveram toda a vida urbana que poderia ter se desenvolvido na plataforma superior.

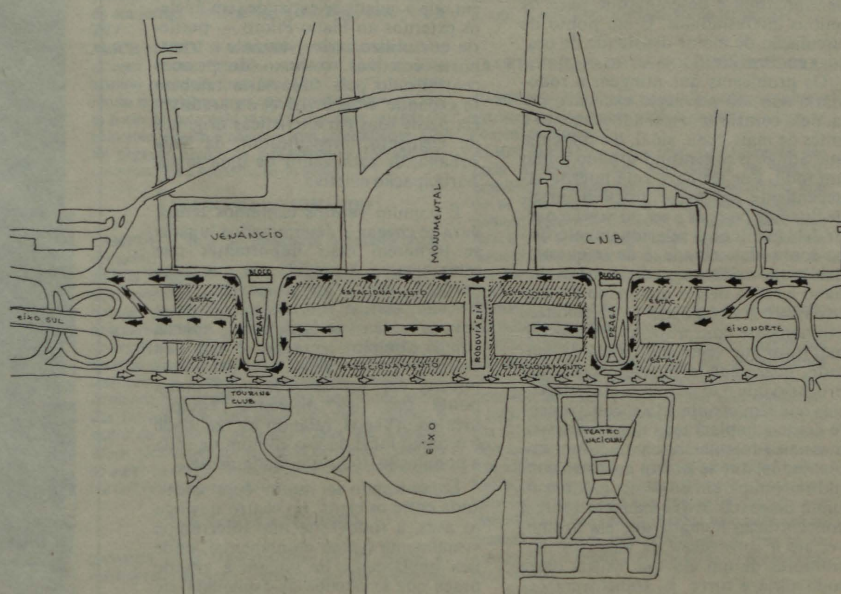
Praças Para Pedestres

Atualmente essa plataforma está sofrendo um processo de interferência baseado no projeto de uma praça de Elisa Costa (filha de Lúcio Costa). O objetivo deste projeto seria restituir ao lugar a possibilidade de ali se desenvolver um ambiente lúdico que absorvesse parte do intenso contingente humano da rodoviária. Estão sendo construídas duas praças, uma em frente cada centro comercial. No conjunto cada praça será constituída por um bloco de gabarito baixo destinado a bares, restaurantes e lanches; fontes, jardins e bancos. O bloco ficará situado em frente, próximo ao centro comercial, com o qual a praça estará diretamente ligada.

O tráfego foi modificado no sentido Norte-Sul. Quem vier da Asa Norte passando pela plataforma superior da rodoviária deverá circular obrigatoriamente em torno das duas praças até atingir o setor comercial sul. Foi mantida a via que liga diretamente as asas no sentido Sul-Norte. O objetivo é diminuir o intenso trânsito de veículos do local, forçando a utilização da pista subterrânea da rodoviária nas ligações das asas, para que ali se possa criar um espaço de lazer.

A criação destas praças, que já haviam sido previstas no plano de Lúcio Costa, não vem responder coerentemente aos problemas que ora se apresentam nesse setor. Não responde coerentemente porque na realidade a proposta mantém a situação que deveria ser mudada. Conserva os extensos estacionamentos situados entre a rodoviária e o pequeno espaço destinado a jardim, de forma que as pessoas tenham que transitar entre carros para chegar até a praça propriamente dita. Poderá, devido sua 1ª locação, ser mais um incentivo ao consumo e ser economicamente benéfico para os centros comerciais.

Os blocos, que serão construídos em frente a estes centros, desprezam os amplos visuais que o local oferece. Essa praça se reduz a um espaço confinado entre as pistas e estacionamentos conservando a aridez do ambiente sem que haja uma continuidade entre rodoviária e plataforma. Duas pistas de circulação de veículos separam a praça do Teatro Nacional as passagens para pedestres desta praça não melhoram as condições atuais de acesso ao teatro mas favorecem amplamente o acesso ao centro comercial.



ECOLOGIA:

BRASÍLIA E SEUS PROBLEMAS



Contrariamente às expectativas, o grande lago São Bartolomeu, a ser futuramente construído, não vai solucionar o problema da baixa umidade do ar em Brasília.

Quem faz a afirmação é o Prof. George Eiten, da área de Ecologia Vegetal da UnB.

Eiten explica: é bom inundar uma área bem grande, mas, como medida para aumentar o índice de umidade relativa do ar não será muito significativo. Na área mais próxima ao Lago haverá alteração, mas na cidade de Brasília, não. O vento que passa naquela região e vem em direção ao Plano-Piloto, dispersa logo o vapor formado pelo Lago.



Brasília surgiu numa região virgem peculiarmente dominada pelo cerrado e pela secura típica de seu clima. E esta região vê, de repente, seu meio-ambiente natural sendo vítima de agressões e constantes modificações, disso resultando uma estrutura artificial. Nesta micro-região, a umidade relativa do ar é muito baixa, fato que provoca uma evaporação mais rápida e mais acentuada que nas demais regiões do País.

Segundo o técnico Luís Carlos Percebon, da Secretaria Especial do Meio Ambiente-SEMA, a tendência do clima em Brasília é atingir um ponto de equilíbrio. Brasília, acrescenta Percebon, pode ficar tranquila em termos de meio ambiente.

Que fatores garantem essa tranquilidade?

A existência do Lago seria uma das causas?

Numa região em que a evaporação se faz com maior intensidade, a existência de um lago, de grande extensão, propicia uma elevação considerável da umidade relativa do ar, protegendo a vida humana, principalmente dos efeitos de uma desidratação.

Apesar disso, sustenta Luís Carlos Percebon, se está havendo modificações no clima, não é o lago o único responsável. Tais mudanças não têm uma causa localizada. Elas ocorrem em todas as regiões.



É indispensável, no entanto, que o Lago Paranoá, de Brasília, tenha um bom esquema de saneamento básico e um uso adequado do solo de sua bacia. "Cerro verde", previsto para proteção do Lago, não existe; o que há nessa área, em seu lugar, são residências e, logicamente, essas casas descarregam muitas de suas sujeiras no Lago.

Apesar da existência desse e de outros agentes poluidores, que comprometem a sanidade de sua montante, o Lago é ainda perfeitamente recuperável. A SEMA, desde a sua implantação em Brasília, vem oferecendo, a nível de planejamento, assistência técnica à Companhia de Água e Esgotos Sanitários de Brasília-CAESB, para a execução dos trabalhos de recuperação e tratamento do Lago. Com tal objetivo, foi assinado recentemente um convênio que deverá trazer técnicos da Suécia, especialistas em uso do solo. O convênio foi firmado entre as duas entidades brasileiras e PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). A SEMA pretende, com esse convênio, uma transferência de tecnologia nesse campo, para posterior aproveitamento na construção do "Lagão", isto é, do São Bartolomeu.

CERRADO

O processo de implantação da nova Capital e todo o trabalho daí decorren-

te compõem um quadro de constantes polêmicas, contradições e divergências de pontos de vista.

O que sentem e pensam as pessoas engajadas nesse processo, principalmente em relação ao meio-ambiente em que vivem?

— Brasília foi a primeira cidade do mundo construída numa região de vegetação primária, como o cerrado do Planalto Central. Há nessa área mais de 300 espécies de plantas diferentes por hectare, com tamanhos diversos e florescendo algumas delas durante o ano todo. No mundo não existe outra área com tais características.

Essa é uma afirmação do Prof. George Eiten e que pode causar certa estranheza para quem convive diariamente com o cerrado. Contudo, os técnicos em ecologia gostam do cerrado e proclamam muitas de suas características.

Incorporando uma estrutura artificial, imposta pelo surgimento de Brasília, o cerrado recebeu também vários tipos de vegetação, trazidas pela urbanização. As espécies importadas nada têm em comum com as condições peculiares do cerrado.

O Prof. Eiten é norte-americano e está há quatro anos em Brasília. Segundo diz, "seria muito interessante conservar a vegetação natural do cerrado, em lugar de destruí-la ou de substituí-la por outros tipos que são encontrados em regiões diferentes. A preservação das espécies nativas seria interessante até mesmo por razões de interesse turístico.

— As pessoas que chegam a Brasília, comenta o professor, ficam encantadas com a "tortuosidade" das árvores do cerrado, mas estas, infelizmente, vão-se tornando cada vez mais raras nas imediações do Plano-Piloto. Foram quase totalmente substituídas por vegetação típica de outras regiões. Para Eiten, trazer plantas de várias espécies, para atender a demanda da urbanização, não é aconselhável. No estacionamento da UnB, por exemplo, as árvores ali existentes dão folhas na época chuvosa, mas durante a seca elas caem.

Outro exemplo lembrado pelo professor: as árvores da W-3, que, não suportando as condições naturais do terreno, começam a morrer.

Marina Goretti



— Cuidar de meio ambiente e conservar as suas características peculiares e naturais é, além de mais econômico, muito mais interessante no sentido ecológico, opina Eiten. Se o meio ambiente de Brasília puder ser preservado, livre de agressões contínuas, a região continuará sendo "tranquila em termos de meio ambiente."

Prof. Aluísio Prata, do Instituto de Medicina Tropical da UnB.

— Brasília não constitui nenhum foco de doenças endêmicas. Na época de maior secura, o que as pessoas sentem é apenas um pouco de indisposição, lábios e mucosa nasal secos. Na mesma época tornam-se mais frequentes os casos de pneumonia.

As doenças endêmicas que aqui aparecem são trazidas por pessoas de outras regiões.

Francisco Pontes, Professor de Comunicação, UnB

— Estou em Brasília há seis anos. Nunca o clima me assustou, em nada. Nunca guardei-me em cuidados. Morei com famílias amigas no começo e, talvez por isso, não tive de tomar precauções. Os cuidados, se existiam, eram para a casa toda e me acobertavam. Já não sei quando o clima muda ou se está mais seco. Estou integrado. Meu corpo toma providências automáticas. Muda-se o tempo e mudo eu. Sou de Brasília, física e espiritualmente. Gosto.

Leda Magalhães, repórter do "Jornal de Brasília".

— Quando cheguei em Brasília, vinda do Rio, em 1960, aqui era muito mais frio. O clima vem sofrendo modificações, porque em 1959 foi construída a barragem do Paranoá, que trouxe como consequência uma melhoria na umidade do ar. Tudo isso em processo gradativo, não foi de um dia para o outro. A gente sente na época de muita secura, mas muito pouco, só a pele seca.

O período seco de Brasília teve duração prolongada em alguns anos, como em 1974, quando não vimos uma chuva sequer em setembro. O importante é que a cidade é muito clara e é muito bom perceber que quase todos os dias são azuis.

Maria de Lourdes, Professora de Comunicação, UnB.

— A época de secura é a única que eu não gosto. Nessa época, Brasília apresenta um clima em que sua umidade relativa do ar chega a 15%, muito próxima dos níveis do deserto do Saara, ou seja, 11%. O clima é absolutamente instável. Você sai de manhã com frio, chega a hora do almoço e está bem quente, esfriando novamente à noite. Raramente existem dias constantes em Brasília. A gente passa por quatro estações num mesmo dia. No Norte de Goiás é pior ainda. Além de não existir umidade, o calor é terrível.

Felipe e José Carlos, campineiros, estagiários em Ecologia Vegetal na UnB.

— O clima de Brasília é muito estável. Aqui se vê o sol o dia inteiro, não é como em São Paulo, onde o tempo varia muito; lá, temos num único dia as quatro estações, ao contrário do que acontece em Brasília. O clima em Brasília é um pouco estéril, a gente bebe muita água, mas acha-o preferível ao de São Paulo, principalmente por causa da estabilidade. Acharmos que, pela quantidade de espaço vago existente em Brasília, poderíamos ser plantados milhares de árvores.

Brasília: Centro de Irradiação Cultural e Espiritual

Sendo Brasília a capital do Brasil, está destinada a ser o centro de concentração e irradiação dos aspectos culturais e espirituais do Brasil.

Partindo desta premissa, que considero como certa e verdadeira, me pergunto, depois de seus quase dezessete anos de vida, se essa premissa teve atualidade até o momento em que se depara com o futuro imediato ou mediato.

Falando do presente, sendo honesta comigo mesma e com Brasília, diria que, neste espaço de tempo (16 anos), é pouco ou nada sua gravitação cultural dentro do Brasil.

Para certificar esta impressão, muito pessoal por certo, e que pode me levar a formar um conceito unilateral, produto de dois anos de residência em Brasília, vejo a necessidade de fazer-me eco das opiniões recebidas em distintos âmbitos desta cidade, em especial, daquelas personalidades que têm vinculação com aspectos culturais e que igual a mim se perguntam — por que Brasília ainda não é um centro cultural, e que cota de espiritualidade tem?

Ambos os termos, em seu aspecto semântico, são indivisíveis e estão interligados. Falar de cultura e espiritualidade de forma separada é como falar de um todo sem alma. É cair ou estar próximo do materialismo inerte. O que é preciso, quando se trata de temas materiais, é buscar o sentido espiritual que o representa.

No caso particular de Brasília é comum escutar expressões de que é uma cidade de

cimento, fria e que não tem alma. Tomada esta expressão tal qual ela se expõe, não deixa de ter sua verdade. Para analisar Brasília em toda sua dimensão política e social, aonde intervêm em forma direta e ativa as inteligências mais diversas do país, nota-se, que essa expressão deixa de ter esse sentido tão material e pode chegar a adquirir a cota de espiritualidade que acontece no momento sem fixar-se.

Para se obter essa finalidade, creio que é preciso já, sem demora, fazer um apanhado no caminho percorrido desde a origem de Brasília, voltar a olhar para trás, remontarmos à origem do Brasil como país e é, então, que nos encontramos com a realidade de que existem, neste país, numerosas cidades com bagagem cultural e espiritual.

É certo, também, que essas cidades hoje são maduras e guardam zelosamente suas glórias e tradições, mas também é certo, que contam com uma estrutura cultural formada através dos anos e que pode servir como exemplo para o porvir espiritual de Brasília.

Começemos, então, a analisar o porquê Brasília não é ainda centro cultural e espiritual de acordo com o que seu presente e futuro lhe demandam e, dentro disto, ver se o presente está concebido com projeção do futuro.

Norma Barbieri (é argentina e mora há dois anos em Brasília)

De acordo com minhas explorações, chego à conclusão que são três fatores que estão incidindo de forma negativa.

A primeira razão, acho que está dada, porque ao iniciar-se a construção da cidade, não se deu prioridade à infra-estrutura cultural.

No meu entender, esta deveria ter-se desenvolvido numa forma paralela e progressiva ao resto da cidade. Parto da premissa de que a capital de um país deve estar apta a desenvolver todas as atividades fundamentais, e, portanto, é difícil aceitar que este aspecto cultural ficasse relegado a um segundo plano.

A segunda razão, ligada em parte à anterior, é a parte de previsões financeiras para iniciar esta atividade. Portanto o problema foi aumentando, enquanto a falta de disponibilidades financeiras de então foram-se agravando no tempo de forma progressiva e hoje é muito difícil impulsionar este atraso de tanto tempo.

A terceira razão, pode estar fixada na falta de entusiasmo inicial, proveniente, seguramente, pela absorção das obras monumentais da cidade, que relegaram as atividades culturais.

Ante a evidência do problema, tomado na magnitude atual e pensando que a população de Brasília se faz carente de uma disposição

cultural e espiritual, é que se deve tratar de encarar o problema de forma direta e urgente, proporcionando à todos, os meios que forem necessários a esse conjunto de entusiastas intelectuais que Brasília possui e que estão sedentos de cultura e transbordam em espiritualidade. O Brasil mereceria e merece uma capital deslumbrante como Brasília.

Brasília merece, para estar à altura de sua projeção futura, um embasamento estrutural e funcional de centros culturais que sejam depositários das grandezas históricas fundamentais do país, e a guarda e depósito de tudo o que seja história de Brasília. Ademais, que possa contar com capacidade para receber os embaixadores das culturas do mundo em suas diferentes manifestações: teatro, música, celebrações, etc.

Também pode se empenhar em irradiar a cultura própria, que se irá gerando através do tempo.

Já tem um grau de maturidade que seus filhos nascidos com a cidade empenham a manifestar-se em distintas ordens, e portanto, é preciso apoiá-los, orientá-los e impulsioná-los para que não se sintam frustrados espiritualmente.

Ainda se está em tempo, se conta com material humano mínimo indispensável para impulsionar a área, só falta decidir-se a encarar a tarefa o mais rápido possível, para que Brasília ocupe o lugar que lhe corresponde no consenso mundial.

Cidade Eclética: Retorno ao Misticismo

Muitas pessoas, principalmente da imprensa, andam interessadas em pesquisar porque há tantas religiões em Brasília. Chega-se até a afirmar que o povo brasileiro é o mais devoto de todo o Brasil, sendo também o de espírito mais aberto às diferentes convicções religiosas, por mais exóticas que se apresentem. Essa informação foi colhida do Jornal "O Nosso", que circula mensalmente na Cidade Eclética, um núcleo habitacional com padrões e valores completamente diversos do meio social que comumente vivemos.

A diversidade de crenças poder-se-ia explicar em parte pelo cosmopolitismo da cidade, pois as embaixadas de todos os países, principalmente as orientais e respectivas colônias, acham-se em Brasília, cultivando a crença de suas origens. De acordo com as declarações de "O Nosso", também em Brasília acharam moradia, candangos de todos os lugares do Brasil, desde o rígido paulista, ao esfomeado nordestino, ou mesmo os seguidores de crenças anímicas como o cario e o baiano, não esquecendo o sulista de tradições européias.

Do ponto de vista místico, Brasília seria a mistura das raízes culturais e a saudade de

casa, juntando-se a isso, a limpidez do céu azul, o magnífico pôr do sol goiano, as amplidões do planalto central e o perfil mirrado do cerrado. Neste cenário, vamos encontrar o homem brasileiro ajoelhado e convicto, fugindo para os seus deuses.

Há sociólogos que apontam a falta de contactos sociais em Brasília, como a razão para a conversão dos brasileiros à centenas de terreiros, centros e igrejas à procura de calor humano e amizade.

A Fraternidade Eclética, a 50 km de Brasília, não é, como pensam alguns, produto da solidão da capital Federal, porque veio sozinha para o planalto de Goiás, em janeiro de 1956, como pioneira, muito antes de Brasília.

Quem ainda não ouviu falar da "Cidade Eclética"? Essa pequena comunidade com pouco mais de 800 habitantes, está em Brasília há 20 anos, tendo como líder o Mestre Yoganân, que é o orientador espiritual da cidade. Sua principal meta é viver mais de acordo com os princípios que acreditam — ser um ensaio de vida comunitária — I, funcionando como uma escola de reforma interior. Lá, os objetivos religiosos se definem em um só, ou seja, restaurar-se as tradições primitivas do cristianismo e da Escola Essênica dos Judeus.

Segundo declarações de Paulo Tasso, secretário-geral e responsável pelo jornalismo da cidade, há documentos como os "manuscritos do Mar Morto", que comprovam que Jesus pertenceu à "Escola Essênica dos Judeus", que até hoje é seguida pelos adeptos da Cidade Eclética, e também conhecida como "Santuário Essênico do Brasil".

Turistas e eclesiásticos aguardam a bênção do Mestre Yoganân.

Mestre Yoganân, orientador espiritual da Cidade Eclética e o Monte Tabor, recanto de peregrinação na época da Semana Santa.

Conforme concluíram os repórteres do "Campus" lá encontra-se uma população dividida em três espécies de "castas". Primeiramente na Hierarquia espiritual, existem aqueles que vivem na comunidade sem compromisso com o Templo, que são os "Neófitos", não sendo eles autorizados a usar o "Balandral", uma vestimenta branca usada nos rituais. Logo em seguida, estão os "Adeptos", que representam uma faixa da população, que assumiu o primeiro compromisso com o Templo, sendo permitido a estes o uso do "Balandral", e participar dos rituais de "Umbanda" e "Kardec". Logo acima, nessa hierarquia, estão os "Iniciados", que são a continuação dos "Adeptos", mas já possuindo um compromisso espiritual de reforma interna.

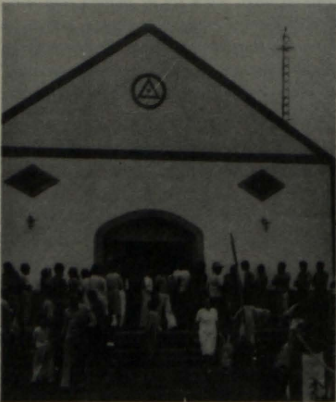
Na Cidade Eclética, há vários tipos de rituais para atender aos diversos gostos da população. No ritual de Umbanda, expurgado de todo africanismo, as figuras do negro e do cabloco são apenas símbolos representativos, que é a principal virtude da Umbanda. Nesse ritual, as pessoas arregaçam as mangas e participam ativamente como "médiuns".

Dentro da programação dos rituais seguidos na Cidade Eclética, há também, nas sextas-feiras, uma sessão Kardecista, ou "mesa branca", e aos domingos pela manhã há uma "missa eclética".

Os moradores da Cidade Eclética são seus próprios produtores de alimento, existindo uma cooperativa que atende às necessidades da população, que trabalha unida em áreas agrícolas para o plantio de gêneros de primeira necessidade.



Os eclesiásticos vivem totalmente voltados para as manifestações espirituais, conforme verifica-se num artigo do jornal "O Nosso", em sua coluna "Notícias da Cidade", que refere-se à colheita de uma safra de arroz, com um toque muito especial de misticismo e pureza, nos seguintes termos: "A natureza ajudando e a simpatia dos espíritos, fazem com que todos os obreiros ecléticos se alegrem com a verdejante plantação de arroz. São 80 hectares bem plantados. Irmão Prefeito Social afirma entusiasmado: "esta é a mais promissora safra que já tivemos". Prevê-se 2.500 sacos de arroz, para dar trabalho por muito tempo às mandíbulas dos Fraternários. A colheita será realizada por especial atenção da fraterna ajuda do Irmão Erasmo, de Belo Horizonte, coproprietário da empresa mineira Grupo Novo S.A. que irá assumir, em gentil atitude, os encargos de nossa colheita através de moderna colhedeira. A plantação foi financiada pela Carteira de Crédito Rural do Branco Nacional de Minas Gerais. A safra de milho e feijão, embora pequena, estão excelentes. A comunidade eclética pode ir preparando seus gastos porque da terra está vindo trabalho para eles..."



Silvio Mancuso Sobrinho é aluno de Composição e Regência da UnB e professor na Escola de Música de Brasília. Neste artigo, fala sobre a música na Capital, enfocando, principalmente, a EMB, através do seu fundador, Maestro Levino Ferreira de Alcântara.



Brasília — Cidade das Artes: uma afirmação cujos fundamentos vamos aqui discutir.

Atentemos para o papel socializante da arte e para as características peculiares da nossa cidade. Uma população cosmopolita, já atingindo a casa do milhão, procura atividades sociais e de lazer numa cidade ainda inexpressiva nestes setores, pois sua idade não permitiu que ela desabrochasse mesmo em qualquer outro. O que faz essa enorme massa de habitantes? A tendência geral é de reclamar a falta de tudo, numa cidade criança em que há muito que fazer.

Dentro dessa quadro de carências, existem algumas táboas de salvação, a que as pessoas se agarram com avidez. As artes, e em especial a música, têm sido baluartes de atividades preservadoras da sanidade de muita gente. Uma cidade que já manda bolistas para o exterior, afirma-se artisticamente através do seu singular-potencial humano, apesar de se ter muito ainda que se fazer em termos materiais. Já temos aqui vários conservatórios, o Departamento de Música da Universidade de Brasília, e a Escola de Música. A UnB possui o excelente quarteto de cordas, famoso no exterior, e que realiza, semanalmente, concertos de alto nível para o público brasileiro.

A ESCOLA DE MÚSICA

A Escola de Música, pioneira em Brasília, tem um lugar de honra nas realizações musicais da Capital. Idealizada em 1960 pelo GDF, a Escola materializou-se através dos anos por força e obra do maestro Levino Ferreira de Alcântara. O plano inicial proposto pelo Governo, consistia em desenvolver atividades musicais dentro das escolas, e na formação de conjuntos instrumentais. Na prática este plano não funcionou, por estar divorciado da realidade; pressupunha um corpo diretório habilitado e um professor de nível universitário.

Nesse meio tempo, chega a Brasília o Maestro Levino, e encontra a realidade nesse pé.

O MAESTRO LEVINO

Não poderia ter aparecido pessoa mais conveniente que o Maestro, pois ele é desses que tiveram que superar todas as dificuldades da formação artística através do autodidatismo. Os raros e ocupados professores que teve, os conservatórios deficientes e refratários às inovações, tudo isso levou o Maestro a se integrar num movimento que se formou em Re-

cife, em 1949. Dele tomaram parte figuras como Mário Cândia, Ariano Suassuna, os integrantes do Movimento Armorial, etc. Estas experiências e mais o contato com Villa Lobos, amadureceram-lhe a idéia da formação de uma escola de música livre, na qual os programas seriam desenvolvidos conforme as necessidades particulares de cada aluno. A intenção latente e mais o ambiente favorável reinante, possibilitou ao Maestro levar adiante o plano governamental. Outro fator importante na formação da Escola foi, sem dúvida, a criação do Madrigal de Brasília. Através de suas apresentações foi conquistada a confiança e simpatia das autoridades governamentais responsáveis pela contribuição material na construção da Escola. O quadro de professores é formado, principalmente, de artistas especializados em seus instrumentos e treinados para o ensino na própria Escola. Assim tem sido feito o ajuste à realidade local, e este quadro já atende a um exército de 2.200 alunos, coisa sem paralelo no País. Já está em atividade a segunda geração de professores e músicos formados pela Escola, o que vem comprovar a eficiência do método de ajuste. Para servir este pessoal, existe uma biblioteca já melhor que a da UnB em assuntos musicais, instrumentos musicais que vão do cravo, instrumento renascentista, ao sintetizador, usado para música eletrônica. O Madrigal de Brasília, força motriz na construção da Escola, possui hoje um alto nível artístico. Considerado pela imprensa gaúcha como o melhor coral do País foi convidado recentemente para participar do 4º Encontro Interamericano de Coros, que se realizará em Porto Alegre no começo de outubro. O Madrigal tem-se mantido graças ao idealismo do Maestro e participantes, pois carece de infraestrutura econômica. Com todos estes fatores positivos, a Escola enfrenta hoje graves problemas. Um deles é a evasão dos elementos formados que não encontram condições de sobreviver com música em Brasília. Esse pessoal, já altamente capacitado, transfere-se para os grandes centros musicais do País. Outro problema grave é a impossibilidade dos alunos continuarem os estudos em nível universitário, pois precisam concorrer com candidatos de talento discutível que acabam passando no vestibular de música, mas que não contêm nada da referida arte. Estes são os sérios entraves à expansão do movimento musical centralizado pela Escola de Música. Isto se torna ainda mais triste se lembrarmos que Brasília já caminha para o recorde em toxicomania; urge portanto, que a arte estenda a sua mão àqueles que se afogam numa existência agonizada e inútil.

MPB: um pouco de sua história

A música popular brasileira surgiu por volta do século XVIII, na Bahia e no Rio de Janeiro, principais cidades coloniais da época. De lá para cá, seu caminho tem sido de altos e baixos, sempre às voltas com a concorrência estrangeira. O maxixe, por exemplo, que causou furor quando surgiu, fazendo sucesso inclusive em Paris, Berlim e Nova Iorque, foi derrotado em sua popularidade pelo charleston americano. Com o chorinho aconteceu o mesmo. Depois de um razoável período de sucesso, o chorinho e os chorões — grupo de músicos executantes de choros — foram derrotados pela novidade do "jazz-band", que passou a dominar as preferências musicais da época, nas festas familiares e nos bailes dos clubes da baixa classe média. Por volta dos anos 50, nossa briga já não era apenas contra a música americana mas também contra uma enxurrada de mambos, rumbas e boleros que invadiam o nosso mercado, tentando sufocar a nossa música, heroicamente defendida pelo samba-canção, o samba-exaltação e a música nordestina (Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro e outros).

Já no final da década de 50, com o advento da bossa nova, a MPB se rejuvenesceu e ganhou um maior impulso, conseguindo até penetrar no exterior. Mas, calcada numa estrutura harmônica e melódica muito semelhante à da música americana, a bossa nova confundia-se com o jazz, fato esse reconhecido musicalmente por um dos líderes do movimento, o compositor Carlos Lyra, quando fez e gravou o samba "Influência do Jazz". Enquanto tudo isso acontecia, germinava, lá longe, nos subúrbios da zona norte carioca, a semente do samba que brotava das mentes ingênuas, quase líricas, dos compositores das escolas de samba, cujo estilo era denominado: "samba de morro", muito embora nem todos morassem em morros ou favelas. Lá pelos idos de 1974 surgiu, no centro da cidade do Rio de Janeiro, em um sobrado da rua da Carioca, o restaurante Zicartola, que apresentava show informal de samba com os compositores Zé-Keti, Cartola e Nelson Cacaquinho. Esses três compositores conseguiram despertar a atenção do público da zona sul do Rio para um estilo de música que até então vinha sendo relegado a um terceiro plano. O grande público começava a descobrir a música dos compositores das escolas de samba. Mas, somente a partir de 1968, o samba de escola, particularmente o samba-enredo, ganhou mais força, pois foi daquela data em diante que começaram a ser gravados. Hoje, oito anos depois, o samba-enredo ganhou tamanha força que sufocou até a música feita especialmente para o carnaval, que de há muito vinha se enfraquecendo devido à queda visível da qualidade. Esse fato provocou, inclusive, um acontecimento desagradável para as escolas de samba: os chamados compositores de carnaval, sentindo que não havia mais campo para eles, começaram a se infiltrar nas escolas, levando para aquele ambiente todos os vícios adquiridos no meio radiofônico (imposição de suas músicas pela força do dinheiro — suborno) e que motivaram a desvalorização da música carnavalesca. Evaldo Gouveia e Jair Amorim, a dupla dos boleros, constituem um bom exemplo desse estado de coisas.

Em Brasília o panorama da MPB não é nada animador. Mas existe uma saída: o apoio de certos órgãos governamentais para a execução de um programa que visasse descobrir e projetar os valores locais. Há excelentes compositores na Capital Federal, mas que não se projetaram ainda devido a má estruturação dos poucos movimentos musicais existentes por aqui. Festivais como os do CEMEB, UnB, CEUB e o de músicas de carnaval do DETUR, não deixam saldos positivos pois as músicas vencedoras morrem com o término dos festivais. O MEC, no seu Plano de Ação Cultural, poderia financiar a produção de discos com músicas de compositores radicados em Brasília. Com o lançamento de dois LPs anuais, nossa Capital poderia revelar e projetar muitos valores novos no panorama musical brasileiro. Pederia, também, em combinação com o DETUR e Fundação Cultural promover encontros trimestrais de compositores e intérpretes da MPB de todo o Brasil, sendo que 40% dos participantes seriam locais, para que os representantes de outros Estados tomassem conhecimento do que se faz em Brasília em termos de MPB. Com esses primeiros passos, a médio prazo, Brasília poderia se equiparar, em criação musical, aos grandes centros culturais brasileiros como Rio, São Paulo, Salvador, e outras cidades.

Em Brasília existe um potencial para teatro e um público que, se informado, comparece. Mas é necessário maior apoio, maior incentivo, colaboração e maiores facilidades aos grupos amadores que existem, para que estes possam se desenvolver.

Casa de Espetáculo: O Drama do Teatro Amador de Brasília?

Brasília continua ausente no que se refere ao teatro, apesar da Fundação Cultural ter reservado as segundas-feiras para reunir Grupos de Amadores com a finalidade de mostrar o que estava sendo feito por esses Grupos. Essas apresentações eram feitas na sala Martins Pena para um público diversificado, um encontro de idéias e pessoas das mais heterogêneas.

Os Grupos de Teatro Amador existem desde que a cidade nasceu, e freqüentemente alcançam um certo nível de apresentação. Mas têm grandes problemas de sobrevivência, de conhecimento técnico e de ajuda oficial efetiva. Conseguir salas para se apresentarem é sua maior dificuldade, além do desinteresse de divulgação por parte dos meios de comunicação.

Como melhorar o Teatro Amador?

Segundo o teatrólogo João Carlos de Figueiredo: "esse Teatro Amador era ainda de nível muito baixo, o que veio criar o desinteresse do público brasileiro. Para ele Brasília jamais terá um bom grupo de teatro se não houver um apoio de grupos do Rio e São Paulo, de garito, que entendam do assunto, como, por exemplo, Maria Clara Machado. É necessária a promoção de cursos de 2 a 3 meses, para esses grupos de amadores que querem trabalhar realmente, e não apenas palestras, que pouco ou quase nada contribuem para melhorar o nível do teatro brasileiro. É preciso trabalhar com a voz desse pessoal, ensinar-lhe expressão corporal, selecionar autores e não atores. Os poucos que tem são fracos e o que se tem mostrado é primário, sem incentivo algum, tanto de quem assiste quanto de quem representa. Torna-se imprescindível que os grupos leiam mais e se interessem pelos textos nacionais, valorizando o dramaturgo brasileiro. O contato com o Serviço Nacional de Teatro é também um ponto muito importante para conseguirem apoio.

Outro grande erro foi deixar de lado Dulcina de Moraes, por achá-la retrógrada e superada. Foi ela a primeira mulher a fazer teatro clássico no Brasil. Seu grande sonho é deixar uma Universidade de Teatro em Brasília, e para isso, está vendendo seu teatro no Rio a fim de poder terminar a sala Dulcina de Moraes, aqui em Brasília, que está há muito em fase de construção.

"O Teatro — argumentou João Carlos — é espetáculo, é arte enriquecida. Está sempre acompanhando uma época. Se não acompanha, perde o seu sentido. Com grupos que não procuram enriquecimento, acontecerá o mesmo: perderão o sentido."

"Domingo, Segunda, Terça"

João Carlos de Figueiredo é um ótimo entendedor de cinema, artes plásticas e, acima de tudo, teatro. Escreveu várias peças, mas não apresentou nenhuma ainda, por estar aguardando uma boa oportunidade. Criou o grupo "Presença", registrado recentemente no DF, que exibirá dentro de dois ou três meses, para o público brasileiro, uma peça sobre o folclore brasileiro, a primeira nesse sentido. "Domingo, Segunda, Terça", é uma comédia musicada e carnavalesca, com músicas de Clessius Caldas e Milton de Oliveira, funcionários transferidos para Brasília, ótimos compositores de músicas carnavalescas. A peça retrata um folião do Bola Preta que vem para Brasília e não consegue voltar. Desesperado, resolve criar um carnaval particular. No desenrolar da peça, aparece um pierrô representando a tristeza melancólica brasileira, e a colômbina, a fantasia carioca.

Aparecerão também dois personagens — Beirute e Arabesque — representando as noites de Brasília, um desfile de escolas de samba do Rio, onde Nair Pequeno, grande sambista da Escola de Samba de Mangueira, morre na avenida sambando.

Para João Carlos, não há solidão em Brasília; basta o público procurar os meios para preencher esse vazio.

Mas, onde buscar essa cultura?

Teatro Nacional

Desde a construção de Brasília que as obras do Teatro Nacional foram iniciadas e paralisadas. Somente este ano é que tiveram prosseguimento. Segundo Paulo Galante, assessor de Teatro da Fundação Cultural, as obras em Brasília foram concluídas de acordo com as necessidades mais urgentes. Primeiro: o Itamaraty, com a vinda das embaixadas; depois a Catedral, para as grandes acomodações eclesiais; a Torre de Televisão, pela necessidade imediata de transmissão do Globo e da Tupi. O teatro exigia um grande investimento para a conclusão de suas obras, e foi ficando de lado. Existem duas salas, não resta dúvida, mas provisórias: a Villa Lobos foi sala de espetáculos, exposições de artes plásticas, bailes de formatura e carnaval, festivais de música popular, show de artistas como Chico Buarque e Chico Anísio. Teve, porém, de ser fechada devido às más acomodações do público. Com o tempo, as arquibancadas de piso rústico apodreceram, as condições sanitárias acabaram, as goteiras apodreceram as rampas provisórias muito altas e escuras. Os bêbados transformaram-na em local de encontros amorosos, havendo muito rebuliço, brigas, disputas, e até perigo de morte, pois as tábuas das rampas se desprendiam, caindo gente pelas laterais. A Fundação Cultural terminou pedindo aos bombeiros para interditar a sala, e esta foi definitivamente fechada. A outra, a Sala Martins Pena, estava em condições de receber o público, para peças teatrais e concertos, acomodados nos seus 400 lugares. De 1965 até agora, ela suportou firme o público brasileiro. No dia 31 de agosto último, suas portas foram fechadas também, encerrando com Fernanda Montenegro, para que as obras do Teatro Nacional tivessem novamente prosseguimento.

O Novo Teatro Nacional

Paulo Galante informou ainda que daqui a dois anos, quando o Teatro reabrir, terá uma sala com 1.200 lugares, aparelhada com todos os requisitos modernos, para o funcionamento de qualquer tipo de espetáculo. Além da Sala Martins Pena, que poderá ser aberta juntamente com a primeira, formando uma única, bem maior, aumentando consideravelmente o número de lugares para grandes espetáculos, haverá também uma sala para administração do Teatro e um auditório para música de câmara e recitais de piano, anexos ao Teatro.

Enquanto estes dois anos passam, o Teatro Galpão, o auditório da Escola Parque, o auditório da Escola de Música — este último inaugurado recentemente — ficarão responsáveis pelas apresentações de espetáculos. Para o senhor Paulo Galante, isto será muito bom para divulgar estas pequenas salas. O Teatro Galpão é destinado ao Teatro Amador, emergências e experiências de montagem. É um teatro de arena, com capacidade para 200 pessoas, destinado a peças curtas e atividades sem maiores compromissos, pois o lugar é rústico e não compensa gastos.

O grupo TANAORA surgiu há três anos, reunindo um grupo de pessoas com alguma experiência em teatro, cinema ou música popular: Exú, Clodô, Venerando, Dod, Zeca, Maria de Lourdes Torres, Maria Coeli, Geraldo Moraes. O primeiro espetáculo foi "Minha Vida, Nossas Vidas", reunindo músicas e poesias brasileiras. Seguiram-se "Ave Estrangeira", baseada num esquema semelhante ao da primeira peça e "370 Léguas a Oeste de Cabo Verde" de Geraldo Moraes. Hoje, a experiência do grupo inclui apresentações de Ednardo, Fagner, Rodger, Têti e Clodô, além de um compacto duplo com Malú, Clodô e Climério. Por trás dos espetáculos, uma linha coerente de trabalho: a análise da situação atual da cultura brasileira. Próximo trabalho: uma peça sobre Brasília.



Warene das Graças Santana

Em virtude da falta de locais para ensaios em Brasília, o TANAORA já utilizou salas da UnB e do SESC para preparar suas peças.



AVE ESTRANGEIRA:
uma proposta
para a retomada do
antropofagismo.

MINHA VIDA,
NOSSAS VIDAS
procurou revelar
a plasticidade
da moderna
poesia brasileira.

